



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**REPRESENTATIVIDADE E CIBERATIVISMO:  
O YOUTUBE COMO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA E  
OCUPAÇÃO LÉSBICA**

**MARIANA BARBOSA DE SOUZA**

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**REPRESENTATIVIDADE E CIBERATIVISMO:  
O YOUTUBE COMO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA E  
OCUPAÇÃO LÉSBICA**

Monografia submetida à Banca de Graduação como  
requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

**MARIANA BARBOSA DE SOUZA**

**Orientadora: Professora Dra. Chalini Torquato Gonçalves Barros**

Rio de Janeiro

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

SS719r Souza, Mariana Barbosa de  
Representatividade e ciberativismo: o youtube  
como espaço de convivência e ocupação lésbica /  
Mariana Barbosa de Souza. -- Rio de Janeiro, 2019.  
69 f.

Orientadora: Chalini Torquato Gonçalves Barros.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da  
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Produção  
Editorial, 2019.

1. Representatividade. 2. Ciberativismo. 3.  
Lésbicas. 4. Youtube. I. Barros, Chalini Torquato  
Gonçalves, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Representatividade e Ciberativismo: O YouTube como espaço de convivência e ocupação lésbica**, elaborada por Mariana Barbosa de Souza

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 04/12/19

Comissão Examinadora:

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Chalini Torquato Gonçalves Barros**

Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Métodos e Áreas conexas (DMAC) - UFRJ

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Luanda Dias Schramm**

Doutora em Ciência Política pelo Instituto de Ciência Política - UNB  
Departamento de Comunicação - UFRJ

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Adriana Pinto Fernandes de Azevedo**

Doutora em Literatura, cultura e contemporaneidade – PUC/RJ  
Departamento de Letras – PUC/RJ

Rio de Janeiro

2019



Escola de Comunicação

Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ

Em 04 de dezembro de 2019 esteve reunida a Banca Examinadora composta pelos seguintes **professores examinadores**

Luanda Schramm

Adriana Azevedo

e

Chalini Torquato

como **professor orientador**, além do(a) **aluno(a)**

Mariana Barlow de Louza

(DRE nº 115167826) do curso de Comunicação Social,

habilitação em **Publicidade e Propaganda** que apresentou o projeto

experimental sobre o tema Representatividade e ciberativismo: o youtube como espaço de convivência e ocupação lésbica.

Avaliado o trabalho, a Banca atribuiu grau 10,0 ao Projeto Experimental do (a) aluno (a). Nada mais havendo a observar fica lavrada a presente ata que vai datada e assinada pela Banca e pelo (a) aluno (a).

Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 2019.

Adriana Azevedo  
Professor Examinador

Chalini Torquato  
Professor Orientador

Luanda Schramm  
Professor Examinador

Mariana Barlow de Louza  
Aluno(a)

À Maristela, Estella, Amanda e Sol por  
me darem forças nos momentos difíceis  
e me inspirarem a ser uma pessoa melhor

## **AGRADECIMENTOS**

Esse trabalho representa o fim de um dos ciclos mais maravilhosos de minha vida. A UFRJ me presenteou com amigos incríveis, professores excelentes e muitas vivências magníficas. Agradeço à minha família por me dar liberdade de ser quem eu sou e por participar nas minhas lutas diariamente. A minha mãe, Maristela, que está ao meu lado todos os dias e me apoia em todas as minhas decisões. A minha irmã, Estella, que mesmo estando distante, é alguém que posso sempre contar. A Amanda, por me acompanhar na minha vida e me alegrar todos os dias. Aos meus amigos, André, Rebeca e Larissa por me fazerem rir sempre e enxergar a vida de forma mais leve. A Sol, minha maior companheira, que esteve do meu lado todos os dias em que escrevi esse trabalho.

Agradeço também a todos os produtores e produtoras de conteúdo LGBTQ+, que transformam todos os dias a representatividade nas mídias e as formas de pensar na sociedade.

“The connections between and among women are  
the most feared, the most problematic, and the  
most potentially transforming force on the planet”

Adrienne Rich

SOUZA, Mariana Barbosa. **Representatividade e Ciberativismo: O YouTube como espaço de convivência e ocupação lésbica**. Orientadora: Chalini Torquato Gonçalves Barros. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

## **RESUMO**

Este trabalho é um estudo sobre representatividade lésbica na rede social de compartilhamento de vídeos, o YouTube. O YouTube é uma das plataformas mais utilizadas no Brasil, popularizando a produção e o consumo de conteúdos audiovisuais. O objetivo desse estudo é, através de uma problematização da representação lésbica nos meios tradicionais de comunicação, compreender o porquê da migração dessa minoria para outros meios, bem como as possíveis formas de ativismo encontradas. O estudo foi feito por meio de uma revisão bibliográfica, que permeou temas como identidade e gênero com estudos sobre ciberativismo. A revisão de bibliografia acompanha um mapeamento e análise exploratória dos principais canais de conteúdo lésbico no YouTube Brasil. Foram encontrados canais com temas diversos, como humor, viagens e maternidade, sendo possível enxergar diferentes formas de ativismo. A falta de representatividade lésbica nos meios tradicionais, aumenta o desejo delas de ocupação de espaços e produção de conteúdos de identificação. Mulheres lésbicas estão presentes no YouTube, criam conteúdos com diferentes formas de ativismo e moldam um espaço de convivência.

**Palavras-chave: Representatividade; Ciberativismo; Lésbicas; YouTube.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Gráfico de tipos de personagens LGBT de 1970 a 2017.....	24
Figura 2 – Infográfico Guia da Lésbica/Bissexual na História da TV.....	28
Figura 3 – Quantidade de usuários em redes sociais.....	34
Figura 4 – Principais redes utilizadas por adolescentes.....	35
Figura 5 – Redes sociais de acordo com número de usuários 2018.....	35
Figura 6 – Uso da Internet por brasileiros.....	36
Figura 7 – Uso de redes sociais por brasileiros.....	36
Figura 8 – Vídeo sobre homofobia de P Landucci.....	44
Figura 9 – Vídeo “trolei minha mãe dizendo que sou lésbica” de Louie Ponto.	47
Figura 10 – Bianka Carbonieri no vídeo “Sexshop: Cosméticos”.....	49
Figura 11 – Mi Alves junto com Louie no vídeo “Estereótipo lésbico”.....	51
Figura 12 – Vídeo “não seja esse hétero” do canal Apto 202.....	54
Figura 13 – Vídeo “Criança LGBT” de Brenda Gasparoto.....	58
Figura 14 – Live do Orgulho lésbico no canal Tá Entendida?.....	60
Figura 15 – Collab do canal Censuradas com a websérie Esconderijo.....	62

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA NA MÍDIA.....</b>	<b>15</b>
2.1 IDENTIDADE, PODER E REPRESENTATIVIDADE.....	15
2.2 REPRESENTATIVIDADE LGBT: DOS MEIOS TRADICIONAIS AOS DIGITAIS.....	19
2.3 A REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA.....	25
<b>3 NOVAS TECNOLOGIAS, ATIVISMO E YOUTUBE.....</b>	<b>30</b>
3.1 NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E REDES SOCIAIS .....	30
3.2 WEB 2.0 E O CIBERESPAÇO.....	36
3.3 O YOUTUBE.....	40
<b>4 O YOUTUBE COMO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA LÉSBICA.....</b>	<b>42</b>
4.1 P LANDUCCI, MÚSICA E 1 MILHÃO DE SEGUIDORES.....	43
4.2 LOUIE PONTO E O FAMOSO “SAÍ DO ARMÁRIO” .....	45
4.3 SAPATÔMICA: DO BLOG AO YOUTUBE.....	47
4.4 MI ALVES, A VIAJANTE LÉSBICA.....	49
4.5 HUMOR E VIVÊNCIA LÉSBICA NO APARTAMENTO 202.....	51
4.6 PIETRA PINHO, GABRIELA MORETTI, YAAKUTSU E HEEYCAT.....	54
4.7 BRENDA GASPAROTO.....	56
4.8 MILITAR E RIR TAMBÉM É POSSÍVEL, UM CAPÍTULO SOBRE TÁ ENTENDIDA.....	58
4.9 CENSURADAS, FILMES E LÉSBICAS NA MÍDIA.....	59
4.10 MÃE NO PLURAL E SAPATÃO AMIGA .....	61
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A representatividade cultural é fator importante para a identificação do sujeito em algum determinado grupo social. Ela ajuda na construção do indivíduo dentro da sociedade, e a falta dela pode causar um sentimento de não pertencimento e não identificação nos meios culturais, como acontece frequentemente. Devido a essa falta de representação de minorias nos meios tradicionais de comunicação, percebe-se uma migração para os meios digitais. A rede, por ser considerada um ambiente mais democrático que oferece liberdade de criação e consumo, torna-se o novo lugar de interação entre os grupos sociais esquecidos pelas grandes mídias. Os meios audiovisuais, por exemplo, apresentam uma baixa representatividade de pessoas negras, gordas e LGBTQ+. A quantidade de personagens cresce com o passar do tempo, porém os números ainda são muito destoantes daqueles personagens que se encaixam em um determinado padrão. No caso de personagens lésbicas, na mídia nacional, não é possível encontrar muitas que foram criadas de uma forma verdadeiramente representativa. Somado a isso, quando a representação dessas personagens ocorre, ela é feita de maneira estereotipada ou sem muito destaque. As mulheres lésbicas, depois de muito consumir esses produtos não representativos, encontraram no YouTube um espaço de compartilhamento de vídeos ideal para uma maior representação e identificação desses grupos. A plataforma tornou-se então uma rede que providencia um lugar de fala e ativismo, além de criar um ambiente de representatividade e convivência para esse grupo.

Esse trabalho busca comprovar a migração de produtoras e consumidoras de conteúdo lésbico para os novos meios digitais, focando principalmente no YouTube. O objetivo do trabalho é, através de uma revisão bibliográfica e teórica, analisar como ocorre a representação de LGBTQ+ nos meios culturais brasileiros, buscando entender o porquê da migração de minorias sub-representadas para outras plataformas midiáticas. Após o estudo teórico, será feito um mapeamento exploratório de canais lésbicos no YouTube para delimitar os que alcançam um maior engajamento e promovem debates ativistas. Ao se analisar os principais conteúdos lésbicos na plataforma, busca-se demarcar as formas de ciberativismo e convivência que se fazem possíveis de encontrar. Através desses estudos, espera-se entender como a plataforma é importante para mulheres lésbicas produtoras e consumidoras de produtos audiovisuais.

Para a pesquisa foram necessárias coletas de bibliografia e de dados midiáticos, a fim de criar uma base para o trabalho e desenvolver lacunas importantes encontradas nos artigos e em outras fontes. As literaturas escolhidas cercam diversos temas que se encaixam neste

trabalho. Primeiramente, foram buscadas fontes que trabalham a representatividade lésbica nos meios midiáticos de maneira geral. Analisando estes artigos, pode-se notar como a representação da mulher homossexual é pequena e estereotipada em filmes e séries. Artigos sobre identidade e poder também foram necessários para uma análise da importância de produtos culturais para o sujeito, e também para compreender quais são as estruturas de poder que controlam esses meios e as consequências desse controle. Mergulhando mais no tema central, foi buscada uma literatura que trate sobre a internet como meio de convivência e interação de minorias sociais. Trabalhando então temas como ciberativismo e Web 2.0, é possível entender como a Internet tornou-se um espaço importante para as minorias, e como funcionam suas ferramentas de ativismo. Após a revisão bibliográfica, foi necessário uma análise dos principais canais de conteúdo lésbico no YouTube. Classificando esses canais de acordo com o engajamento e as suas temáticas, foi feita uma análise sobre a questão da representatividade e ativismo que é possível encontrar nos vídeos.

No capítulo 1, foi discutida a representatividade nos meios midiáticos. Buscando traçar uma linha do tempo dos meios tradicionais aos meios digitais, fica claro como a representatividade mudou com o passar do tempo. Nesse capítulo, também é possível entender a importância da representatividade para os grupos sociais e como ela funciona, sendo um instrumento de identificação pessoal. Estudando Stuart Hall foi possível entender como a cultura é peça fundamental na construção da identidade do sujeito. Através de uma análise dos estudos de Butler, percebe-se como a identidade de gênero e sexual do indivíduo são moldados pela sociedade, e por estruturas de poder que controlam os produtos de consumo, como afirma Foucault. O capítulo busca compreender a importância da representatividade e como ela ocorre no contexto brasileiro.

No capítulo 2, através de uma análise sobre a Internet e as mudanças que ela causou, propõe-se estudar o ciberativismo e as novas formas de convivência na web. Foi feita uma análise histórica do surgimento da Internet e como ela mudou o cenário comunicacional e informacional no mundo. Com estudos sobre cibercultura e ciberespaço, foi possível entender as migrações para os meios digitais e como as interações estão acontecendo nas novas plataformas sociais.

No capítulo 3, foram analisados os principais canais de conteúdo lésbico do YouTube. Através de um mapeamento exploratório, foram escolhidos alguns canais para estudo. Os vídeos de cada canal foram pensados, e os principais temas foram discutidos. Buscando entender quais são as principais temáticas encontradas, e como esses conteúdos funcionam como forma de ativismo e convivência lésbica na plataforma.

Vivemos em um momento muito importante de luta para diferentes classes sociais. Os movimentos e coletivos ganharam forças e hoje participam do cenário político e comunicacional. O movimento LGBT conquistou direitos em diversas partes no mundo, crescendo no Brasil cada vez mais. Mesmo com esse amplo crescimento e visibilidade de grupos sociais, vivemos um momento de conservadorismo generalizado na sociedade. Regimes liberais e conservadores ganham destaque, ocorre a diminuição de direitos às pessoas, e movimentos de ódio, antes escondidos, voltam a aparecer e lutar contra a representatividade alcançada pelas minorias. O debate e o levantamento de questões relacionadas as minorias se mostram muito relevantes no contexto atual. Os autores Luana Paulino e Maira Nunes (2016) destacam a importância que existe em estudar e debater as questões de gênero e sexualidade. Essa defesa se dá principalmente por estarmos inseridos no contexto brasileiro, já que o país se destaca por ser um dos que mais mata travestis e transexuais no mundo. As autoras concluem dizendo que os estudos de comunicação, aqueles acerca da internet e mídia, são importantes pois também estão ligados a fatores sociais e políticos. Somado a isso, não foram encontrados muitos artigos que estudem a questão lésbica no YouTube.

Como uma mulher lésbica e inserida nos meios digitais, é interessante analisar e debater a representatividade lésbica na mídia. Percebo uma crescente produção de conteúdo lésbico, principalmente no YouTube e em outras redes de vídeos, e questiono qual é a força motora que impulsiona este crescimento e como ele é importante para a aceitação e a formação da identidade das mulheres.

## 2 REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA NA MÍDIA

Através de um embasamento teórico, busca-se discutir sobre as formas de representação lésbica em meios midiáticos. Agregando os estudos culturais com estudos sobre representatividade e sexualidade, propõe-se debater sobre as figuras homossexuais femininas retratadas, assim como analisar de forma crítica os meios tradicionais e entender a importância de uma representação verossímil.

### 2.1 IDENTIDADE, PODER E REPRESENTATIVIDADE

Com finalidade de debater sobre representatividade, é importante abordar as questões relevantes sobre identidade e cultura. Entendendo melhor o impacto da cultura na construção da identidade do sujeito, é possível dialogar mais prudentemente. Stuart Hall (2006) disserta sobre uma mudança estrutural que aconteceu durante o período moderno e suas consequências na atualidade, além de definir a globalização como o processo que desloca as identidades culturais (HALL, 2006). Para o autor ocorre uma fragmentação nos moldes de classe, sexualidade e gênero, e o indivíduo está em “crise”. Hall apresenta três concepções destes sujeitos para demonstrar como mudaram em diferentes momentos da história. O sujeito sociológico, inserido no contexto do mundo moderno, está em um meio social, e sua identidade é construída a partir de uma interação entre o indivíduo e a sociedade (HALL, 2006). Antes descrito como sujeito de identidade singular, ele passa a se fragmentar, Stuart Hall explica:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. (HALL, 2006, p.12)

Ao teorizar sobre os processos de construção da identidade, o autor define que esta é formada ao longo da vida do indivíduo, não sendo algo inato a ele (HALL, 2006). Fica claro como que a sociedade é fator importante na construção dela, com suas características sociais, étnicas e culturais. Neste trabalho, apenas os fatores culturais que moldam a identidade do sujeito serão discutidos. As representações culturais devem ser analisadas pois elas apresentam para os indivíduos diversas identidades cabíveis de auto-identificação (HALL,

2006). Sendo assim, analisar as formas cultura e suas representações, é importante para entender a individualidade do sujeito.

A concepção do sujeito pós-moderno é fundamental neste estudo. A identidade deste resulta de toda a fragmentação na sociedade, apresentada por Hall. Ela passa por processos metamórficos em diferentes momentos, e é moldada por sistemas de representação cultural (HALL, 2006). Entretanto, não é de pertencimento deste sujeito uma identidade fixa e permanente. Ele é instável, com identidades não unificadas e contraditórias, sendo moldadas de formas históricas e não biológicas (HALL, 2006). Isto é, fatores externos ao indivíduo são essenciais para a construção deste, podendo a identidade se alterar com o passar do tempo, de acordo com a sociedade. Pensar a cultura como o alicerce da construção de gênero e identidade é, entretanto, questionável. A ideia de que ambos são construídos culturalmente cria um certo determinismo social, já que essa concepção acaba por impossibilitar uma transformação de gênero, por exemplo (BUTLER, 2019). Butler afirma que além desse determinismo, toda essa afirmação da influência cultural na questão da identidade insere o indivíduo em uma posição totalmente passiva perante a cultura, de acordo com a autora:

Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere certo determinismo de significados de gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. (BUTLER, 2019, p.28)

Deve-se definir o gênero como algo não fixo, já que como apresentado, para Butler (2019), não devemos pensar ele como definitivo como a biologia. Não se pode colocar como regra que este gênero é construído apenas por fatores culturais, sendo a cultura um de vários fatores de influência na construção do indivíduo (BUTLER, 2019). Deve ser pensado como variável, sendo na verdade performativo, produzido pelas próprias regras da sociedade (BUTLER, 2019). Pode-se comparar sua teoria com a do sujeito pós-moderno de Hall, que está em constante mudanças ao decorrer da vida. Ao inserir tanto a identidade como o gênero em concepções não fixas, e como performances, é possível debater sobre a influência cultural nessas transformações dos corpos. Essa transformação pode ser considerada como “fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (BUTLER, 2019, p.33). Questiona-se, então, como que produtos culturais são importantes para o reconhecimento de uma identidade LGBTQ+. A partir de uma concepção que a cultura é fator importante na identidade humana, e que o gênero é performativo, algo não fixo, é

possível dizer que ambas essas características, de gênero e identidade, são importantes quando trabalha-se com a sexualidade humana.

Antes de discutir a questão da sexualidade, é importante pensar sobre a identidade da mulher, já que este estudo disserta sobre lésbicas. A ideia de um gênero feminino acontece devido as estruturas de poder que impõem os binarismos, sendo na verdade o feminino uma performance (BUTLER, 2019). Considerando o gênero um ato performático ou não, é visível que a ideia de um “feminino” é instaurada em uma sociedade de poder. Identidades de gênero, e a sexualidade, seguem condutas e determinismos que são regras na sociedade. Podendo ser essas regras as afirmações de um binarismo de gênero, como afirma Butler (2019), ou regras regidas por um poder que controla não só o gênero, mas também tudo relativo aos corpos do indivíduo, como pensa Foucault (1988). Para Butler (2019), o gênero é uma performance social, que segue estruturas restritivas, como a dominação masculina e a questão da heterossexualidade compulsória. Para Foucault, tanto o gênero como a sexualidade são controlados pelo poder, que “encrava-o nos corpos, introdu-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e ordem, natural da desordem”(FOUCAULT, 1988, p. 43).

Dialogando sobre a sexualidade e identidade sexual do sujeito, percebe-se que essas estruturas reguladoras influenciam de maneiras similares às apresentadas acima. Podendo ser através da imposição de uma heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2019), ou através de um poder na ordem da sexualidade (FOUCAULT, 1988). Essas duas disposições são impostas também através de imagens culturais. As influências de produtos de cultura sobre os corpos exercem significações sobre a identidade dos indivíduos. Funcionam como estruturas de poder que controlam, de certa maneira, o que será entregue para os consumidores e quais são os comportamentos e as identidades socialmente aceitáveis.

Após pensar sobre as questões de identidade e a influência da cultura, pode-se então discutir sobre como que esta cultura age sobre os corpos receptores. Para Butler (2019, p. 53), a “instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária”. Levando este conceito para o meio cultural e midiático, pode-se debater sobre o poder que estes meios possuem ao reproduzir apenas a sexualidade heterossexual como a correta. As produções midiáticas, ao afirmarem apenas a heterossexualidade como possível, provocam um determinismo tanto de gênero como sexual. Para Foucault (1988), não apenas a identidade sexual é oprimida pelos meios de poder, como os culturais, mas também toda a discussão da sexualidade humana que é ofuscada. Apenas alguns grupos possuem o poder sobre a sexualidade, sendo as mulheres não pertencentes a

nenhum destes (FOUCAULT, 1988). Assim como Butler e Foucault, Rich (1985) afirma que existe uma imposição de uma heterossexualidade obrigatória aos corpos femininos, sendo os meios culturais, artísticos e as comunicações os grandes impositores e naturalizadores da heterossexualidade. Ela demonstra como que esses meios possuem poder de imposição e de controle dos corpos e indivíduos. Reverbera um poder masculino, aquele que afirma o matrimônio e a heterossexualidade como inevitáveis, e que suprime a existência da figura da mulher lésbica, ou que a reproduz nas mídias como um ser exótico ou perverso (RICH, 1985).

Após uma discussão sobre identidade é necessário estudar sobre as questões de representatividade nos meios. A representatividade é importante, não apenas como quebra das estruturas reguladoras, mas como instrumento de identificação pessoal nos meios midiáticos. O jovem LGBT, que encontra dúvidas quanto a sua sexualidade, ao sentir-se representado em conteúdos entende-se melhor. Sem o apoio de família e amigos é possível que a mídia seja o único lugar para esses jovens gays encontrarem informações sobre sexualidade (FISHER et al. apud PAROSKY, 2007). Além da necessidade de suporte quanto a sexualidade, a representação nos meios de comunicação são importantes para as minorias, pois buscam equilibrar mais uma percepção tolerante e acolhedora de sua existência dentro da sociedade, sendo uma questão de justiça e democracia. Penso a representatividade de diferentes grupos como algo justo, pois todos os sujeitos têm direito de uma igual participação na sociedade. Ou seja, as minorias, em um regime democrático, devem se sentir representadas nas mídias também, assim como as majorias. É, portanto, uma construção mais democrática que ocorra representação de identidades e interesses de diferentes grupos nos meios de comunicação (DOMINGUES-DA-SILVA; TORQUATO, 2013).

Além de ser uma questão democrática, a representatividade de diferentes grupos sociais nos meios midiáticos, influencia em questões também de ativismo e convivência entre esses grupos. Gera-se então um sentimento de pertencimento que, de acordo com Rebecca Kern(2014), faz os espectadores ficarem felizes de integrarem em um novo grupo social e cultural para assistir shows e discutir eles, acreditando que fazem parte de um grupo de fãs e enxergam a representação de suas identidades nos conteúdos midiáticos. Uma minoria que enxerga-se em diferentes meios, passa a participar mais da comunidade, integrando-se com outras pessoas da mesma comunidade.

A construção da identidade de minorias, aquelas que não enxergam-se nos meios de comunicação, ocorre diferentemente nestes grupos. Elas não são comparáveis, entretanto pode-se utilizar de alguns estudos sobre representatividade quando colocada em termos gerais, não apenas de sexualidade. Os autores Conceição e Conceição (2010) discutem sobre a

importância de imagens confirmadoras e positivas na construção da identidade de jovens e crianças. Eles dissertam principalmente sobre a questão da construção da identidade negra, mas afirmam que jovens, no geral, que não encontram essa confirmação na sociedade e na mídia requerem atenção.

Não apenas como instrumento de identificação, a representatividade entrega resultados positivos às pessoas que os assistem, auxiliando na questão da aceitação e no processo de se assumir para a comunidade (GOMILLION; GIULIANO, 2016). Em sua pesquisa quantitativa e qualitativa, Gomillion e Giuliano (2016), explicam como os personagens de televisão possuem papel de influenciadores nas questões de descoberta e identidade do indivíduo. Através de questionários, as autoras traçam dois caminhos de estudos, o primeiro busca entender as formas diferentes de relação entre LGBTs, a mídia, revelando que essas pessoas utilizam dos meios para moldar suas identidades, principalmente em momentos de descoberta. O segundo estudo apresenta as principais influências na questão da realização pessoal do LGBT. Entende-se os diferentes motivos para que ocorra uma representatividade correta das minorias, auxiliando na construção de identidade do indivíduo, que deseja participar dos meios culturais, assim como daqueles que apenas consomem os produtos e imagens, mas que passam a aceitar melhor as diferenças e lidar melhor com quebras de estruturas reguladoras.

## 2.2 REPRESENTATIVIDADE LGBT: DOS MEIOS TRADICIONAIS AOS DIGITAIS

Se a representatividade nos meios culturais é de suma importância para a identificação e construção da identidade, como já apresentado, é imprescindível entender como. As minorias enxergam-se nos produtos culturais que consomem. Trata-se de uma representação, como dito, relevante não apenas por conta da autoidentificação da comunidade LGBTQ+ nos conteúdos, influenciando na liberdade e na capacidade de se ver nas telas, nos livros e na música, por exemplo, mas também da construção cotidiana de um olhar coletivo sobre essa comunidade, no sentido de percebê-la como uma vivência de cidadania legítima.

Para avançar no nosso estudo sobre a representatividade lésbica no YouTube, lembramos a visão de Foucault (1988), ao trabalhar com sexualidade humana e a questão da homossexualidade, afirmando o quanto estruturas de poder controlam esses temas. Mesmo com os avanços tecnológicos e científicos, eles ainda são considerados tabus em diversas sociedades. A discussão, quanto à representatividade LGBTQ+ nos meios midiáticos, fortaleceu-se ao longo do último século em função de anos de luta deste grupo social. Como data solene para o público LGBT, 1969 é o ano simbólico de início do movimento deste

grupo. Canabarro (2013) conta como os episódios que ocorreram no bar *Stonewall Inn* foram importantes para a consolidação de um movimento organizado. Ao falar da história do movimento LGBT ele afirma que:

Para marcarmos o início da breve história do hoje chamado Movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), frequentemente recorre-se aos episódios ocorridos no Stonewall Inn, o famoso bar de Nova Iorque que, em 1969, foi palco da primeira revolta de pessoas por conta da forma como eram tratadas por policiais e autoridades, por serem identificados como desviantes das normas sociais. Sabe-se que esse fato é o início das Paradas do Orgulho Gay, que se espalharam pelo mundo afora. Os movimentos políticos que desejavam lutar contra a visão criminosa ou pecaminosa da homossexualidade remontam a décadas anteriores. (CANABARRO, 2013, p.2)

O movimento passa a estruturar-se melhor, entretanto as mudanças demoram a acontecer. Em 1973, como explicam Germano e Sampaio (2014), a homossexualidade deixa de ser considerada uma doença psiquiátrica no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. De acordo com as autoras “A despatologização da homossexualidade pelo saber médico propiciou a construção de uma nova perspectiva científica e moral sobre a população gay”(GERMANO; SAMPAIO, 2014, p.291). Entretanto, foi apenas em 1985 que o Conselho Federal de Medicina do Brasil retirou a homossexualidade da classificação de doença (CANABARRO,2013). No Brasil, o movimento constrói-se e torna-se cada vez mais estruturado com o tempo, inspirando-se em movimentos feministas e étnicos que ocorreram anteriormente (GERMANO; SAMPAIO, 2014). Todavia, períodos como o da epidemia do HIV desestruturaram, em alguns momentos, a comunidade, que encontrou motivos para se organizar e lutar pelos seus direitos (CANABARRO, 2013). Após a crise na saúde, o grupo busca participar mais em âmbitos políticos e governamentais. Com o crescimento e o combate a AIDS, forma-se uma “aliança” entre o movimento e o governo do Brasil (GERMANO; SAMPAIO, 2014). Esta aliança abriu portas para uma preocupação quanto a comunidade LGBTQ+ em setores governamentais:

Esse espaço de negociação política originou, desde então, novas demandas e a proposição de projetos de lei em âmbito federal, estadual e municipal, agora não mais atreladas apenas à área da saúde e ao combate da AIDS, mas também nos campos da educação, cultura, trabalho, direitos humanos e outros (GERMANO; SAMPAIO apud MISKOLCI, 2011)

Durante a década de 70, o movimento estrutura-se e ganha força. A partir do reconhecimento de uma orientação sexual, políticas públicas começaram a ser pensadas. Carvalho (2013) comenta sobre a nova organização do movimento LGBT, que na década de 80 lutou pela inclusão do termo “orientação sexual” e por leis contra discriminação na constituição de 1988.

A discussão da representatividade foi incluída nas pautas de lutas e revoluções dos movimentos. Não pode-se afirmar que a movimentação e luta do público homossexual foi fator que levou a uma maior representação LGBT nos meios midiáticos. Entretanto, é perceptível que após essa data a quantidade de conteúdo cultural voltado a esse público cresceu. Na televisão americana, por exemplo, o primeiro personagem gay apareceu no ano de 1971, no seriado *All in the Family* (MITCHEL, 2017). Novos personagens foram introduzidos, além de diversos outros tipos de produtos culturais. No Brasil, em 1978, surge o primeiro jornal de conteúdo homossexual no país (FERREIRA, 2010). O *Lampião da Esquina*, fazendo parte de uma imprensa alternativa nos momentos ditatoriais brasileiros, foi “um jornal homossexual não pornô-erótico que circulou no Brasil no período de 1978 a 1981” (FERREIRA, 2010, p.4). De acordo com (FERREIRA, 2010), o jornal buscava retirar a figura do gay da marginalização da sociedade, e colocava em pauta diversos outros assuntos sobre minorias no Brasil.

Na literatura e nos HQs, a participação de personagens LGBTQ+ data de antes dos movimentos da década de 70. A liberdade de criação, mesmo com o tabu da sociedade da época, era maior do que em outros produtos culturais. Nos quadrinhos, a questão do homossexual já era apresentada anteriormente. A Mulher-Maravilha, criada por William Moulton Marston (KINANE, 2017), em 1941, foi idealizada como uma propaganda do que a nova mulher deveria ser, feminista com sua própria liberdade sexual (PLACIDO, 2017). A personagem sofreu censura, assim como seu criador, nos anos seguintes a sua criação. Mesmo com a censura que a literatura passa a ter nos anos 40, é fácil enxergar como conteúdo LGBTQ+ e de outras minorias eram presentes nesses produtos.

Focando nos meios audiovisuais, é necessário uma análise extensa dos tradicionais, antes de discutir sobre os novos meios. Como já apresentado, personagens homossexuais começam a aparecer na década de 70 no cinema e na televisão. “Antes de 1970, quase nenhum personagem gay poderia ser encontrado na televisão, e seu esquecimento nas telas continuou até os anos de 1990” (FISHER et al apud WYATT, 2007, p.169). Mesmo com o número crescente de personagens, eles não eram recorrentes, e apareciam brevemente nos conteúdos. Fisher e Colaboradores (2007) categorizam a televisão como um meio midiático que é regido por uma heterossexualidade compulsória, e que até os anos 1990 a participação

LGBT era quase inexistente. Apenas em 1997, surge o primeiro programa de TV com um personagem principal sendo gay (COOK, 2018). O programa *Ellen*, com a atriz e apresentadora Ellen Degeneres, foi marco na televisão americana, abrindo espaço para inúmeras outras séries com papéis recorrentes, como *Buffy- A caçadora de vampiros*, *Will e Grace* e *Dawson's Creek*, por exemplo (COOK, 2018). Ao analisar dados sobre personagens homossexuais fica claro que a quantidade aumentou, todavia o número é ainda muito pequeno quando comparado aos heterossexuais (FISHER; et al, 2007). Fisher e Colaboradores(2007) identificam a importância da representatividade para os grupos LGBT, que crescem com apenas modelos heterossexuais, para a construção da sua identidade.

No contexto da televisão brasileira, a participação de personagens LGBTQ+ começou a ser relevante apenas nos anos 2000. O aumento de personagens homossexuais em novelas, nesses anos, é marcado pelas conquistas do movimento LGBT (FERREIRA; SACRAMENTO, 2019). A representatividade cresceu, na mesma época, em produções de outros lugares do mundo. Os conteúdos norte-americanos mudam dramaticamente nos anos 2000, tanto na televisão aberta como em *streamings*, como demonstram estudos (COOK, 2018). Mesmo sendo mais relevante após o século 21, a representação homossexual na televisão brasileira iniciou-se nos anos 70, junto com o fortalecimento do movimento LGBT no Brasil. Ary Fontoura, na novela “Assim na terra como no céu”, de 1970, é conhecido como primeiro personagem gay da televisão brasileira (TESTONI, 2018). Outros personagens LGBT participaram da televisão na época da ditadura no país, e essas representações sofriam com a forte censura no contexto brasileiro. Ao falar sobre Paloma, primeira personagem bissexual da televisão brasileira, da novela “Os Gigantes”, Sacramento e Ferreira (2019, p.447) afirmam que “aquela que seria a primeira protagonista bissexual de uma telenovela brasileira foi sendo reconfigurada por conta da interferência da Censura Federal”. A importância da representatividade de grupos sociais na novela é constantemente estudada. Sendo esse modelo midiático responsável por disseminar modelos de identidade, que podem servir de referência para quem assiste este produto (CRETAZ, 2015). Nos conteúdos publicitários, representações homossexuais também iniciam após 1970. Todavia, os comerciais que marcaram o início desta representatividade, utilizavam de estratégias estereotipadas, que reforçavam a heteronormatividade (CARVALHO; RODRIGUES, 2015).

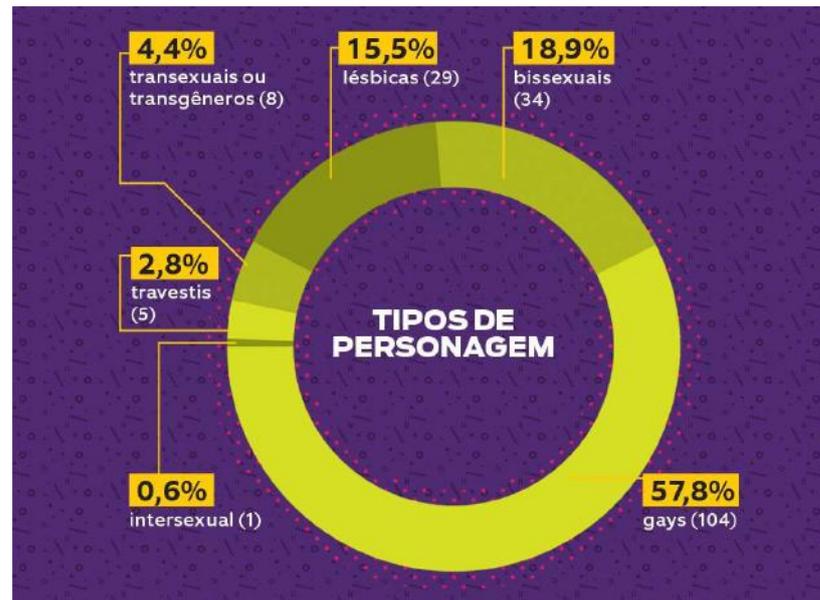
Ao focar no cinema percebe-se uma crescente participação de personagens gays. Os anos 90 marcaram o crescimento da participação de histórias e conteúdos homossexuais. Filmes como *Gaiola das Loucas* e *Filadélfia* fazem parte destes tipos de conteúdo (BAKER, 2015, p.44). Todavia, as representações cinematográficas como *Gaiola das Loucas*, mantêm

certo padrão de representação e perpetuam uma performance do homossexual que é feita para agradar o público (BAKER, 2015, p.44). A questão monetária entra em pauta, a imagem do homossexual começa a ser usada como forma de atração ao público. Buscando lucrar com as representações, os meios midiáticos falham com alguns personagens mal construídos e com estereótipos. Sacramento e Ferreira apontam que:

Poderíamos associar a maior representatividade como simples reflexo das transformações sociais em curso, porém, devemos lembrar que este momento histórico é também caracterizado pela busca, cada vez maior, por parte das emissoras, de conquistarem o mercado homossexual, o pink money (2019, p.448)

Após analisar brevemente a história da representatividade LGBT em meios de mídia tradicionais, deve-se pensar qualitativamente estas representações midiáticas. Com o interesse de produtoras de conteúdos em lucrar, o número de conteúdo homossexual passa a crescer, tornando-se mais difícil uma análise desses produtos. A questão da representatividade é importante, entretanto irrelevante se a sua maioria é feita de forma estereotipada ou apenas voltada para um lucro. Xiyuan Liu (2012), por exemplo, descreve os inúmeros estereótipos referentes aos homossexuais em diferentes décadas, citando o estereótipo do gay que é vítima de assassinato, o gay figurante, o gay que carrega muitas características do gênero oposto, o gay afeminado ou a lésbica *butch* (lésbica que performa masculinidade). Em uma análise da Super Interessante (Figura 1), sobre todos os personagens LGBT de novelas brasileiras, nota-se que mais de 50% eram homens gays, ficando claro a maior invisibilidade do G do que outros grupos da sigla, por exemplo. Esta mesma pesquisa aponta que os personagens de novelas apresentam quase sempre a mesma característica de “pessoa feliz”, sem uma maior construção (BERNARDO, 2018). E mesmo que esses personagens, na sua maioria gays em papéis de comédia, estejam nas novelas há algum tempo, a temática LGBT não toma relevância (ANDRADE; LIMA, 2017).

**Figura 1 – Gráfico de tipos de personagens LGBT de 1970 a 2017**



Fonte: Site Super Abril <sup>1</sup>

A precarização da criação de personagens LGBT é consequência de um interesse apenas mercadológico das produtoras de conteúdos. Sacramento e Ferreira (2019) afirmam que com essas estratégias de venda, os personagens LGBT não são bem construídos como os heterossexuais, e sua criação não participa de um processo multidimensional, como os outros, que têm desenvolvimento complexo. Somado a isso, os autores afirmam que as narrativas destes personagens, são muitas vezes pautadas por seus gêneros ou orientações sexuais. Ou seja, muitas vezes suas histórias nos conteúdos midiáticos giram em torno do simples fato de não serem heterossexuais. No caso das novelas, mesmo que a temática homossexual seja mais abordada, essa representação foi, em alguns momentos, retratos carregados de estereótipos e preconceitos, dificultando assim a construção de uma identidade positiva do LGBT (DRUMMOND, 2014). Após a descoberta da grande movimentação que o público gay faz, tanto no mercado cultural como de consumo, surgem estratégias como o *queerbating*. De acordo com Emma Nordin (2015), a palavra não possui um único significado, ela foi criada por fãs LGBTQ, e é utilizada para definir as estratégias feitas por produtores de conteúdo. Essas estratégias buscam atrair o público *queer* sugerindo que personagens da série, por exemplo, são LGBTQ, e negando depois. A palavra surgiu na internet, e hoje também é utilizada para casos onde o personagem *queer* é mal representado, quando fica claro que ele foi criado apenas como uma forma de atrair o público gay.

<sup>1</sup> Disponível em: [super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano/](http://super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano/). Acesso em: 29 de set, 2019

A representatividade do homossexual em conteúdos tradicionais é marcada por inúmeros problemas, sendo eles a falta de personagens ou a má construção destes. Sendo assim, entende-se o porquê da movimentação de espectadores LGBTQ+ para outras plataformas, já que não conseguem enxergar-se na televisão, por exemplo.

### 2.3 A REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA

Como foi apresentado, a representatividade do LGBT cresceu principalmente após os anos 2000. Todavia, alguns grupos dentro da sigla foram mais ofuscados. A representação da mulher lésbica, além de ser menor do que o homem gay, possui diferentes pontos de discussão importantes, pois é recebida de maneira diferente pelos espectadores e carrega estereótipos distintos aos personagens gays. Andrade e Lima (2017) discutem sobre como existe um crescimento de um debate na esfera pública sobre temáticas LGBT, entretanto explicam como o termo homossexual ainda é associado aos gays homens, excluindo outras identidades, como a das lésbicas, que junto com as outras são generalizadas pelo termo “gay”. E esse esquecimento da figura lésbica, acontece pela chamada “política do esquecimento”, que contribui para o silenciamento e invisibilidade do corpo lésbico, sendo ligado ele ao machismo de uma sociedade patriarcal (ANDRADE; LIMA apud SWAIN, 2017).

A representação da mulher lésbica nos meios tradicionais inicia-se também na década de 70, entretanto, assim como as outras representações torna-se mais frequente no início do século 21. De acordo com Jackson e Gilbertson (2009), os estereótipos que as mulheres lésbicas carregavam eram diferentes dos presentes atualmente. A personagem lésbica, que hoje é sexualizada, já foi representada, anteriormente, como um personagem que não causa desejo, por ser masculina e não atrativa. Na televisão americana, mesmo com algumas poucas representações na década de 70, a imagem da mulher lésbica era quase invisível (LEE; MEYER, 2010). Apenas nos anos 80 que se inicia a discussão e são criados enredos envolvendo lésbicas, sendo o show *Heartbeat*, de 1988, o primeiro show com uma personagem lésbica regular (LEE; MEYER, 2010). Mesmo com essas novas participações, apenas com o programa *Ellen*, como já apresentado, que a imagem homossexual feminina foi trabalhada e teve destaque na televisão, no ano de 1997.

Entre o fim dos anos 90 e o início dos anos 2000, a visibilidade da lésbica na mídia cresce, todavia os estereótipos ainda são frequentes nessas representações (JACKSON; GILBERTSON, 2009). As autoras afirmam que durante muito tempo a representação da lésbica estava sujeita a heterossexualização do casal. Assim, ocorre a feminilização das mulheres apagando as lésbicas butch. Isso é visível em *The L Word*, série que mudou

completamente a representação da mulher lésbica na televisão, mas que tinha suas personagens performando sempre o feminino (JACKSON; GILBERTSON, 2009). Mesmo com os problemas, a série deu audiência três vezes maior do que todas as que eram exibidas no mesmo canal de televisão na época. (ANDERSON, 2006).

Antes de 2004 a figura da mulher lésbica era discutida de maneira muito sutil e subliminar nas séries, como nota-se em *Xena: A princesa guerreira* (1995) e *Buffy - A caçadora de vampiros* (1997), por exemplo. Em *Xena*, sempre soube-se que a personagem principal mantinha um relacionamento com Gabrielle, sua amiga e escudeira, porém tudo foi muito subliminar. Somente no último do episódio do show, em 2001, o público pode ver um beijo sutil de *Xena* com sua amiga. Em *Buffy*, estratégias de queerbating já eram utilizadas, a química entre *Buffy* e a personagem Faith rendeu diferentes *fanfictions* (histórias escritas por fãs), entretanto os autores afirmaram posteriormente que as personagens eram apenas amigas. Alguns anos após a movimentação do fandom de *Buffy* com o possível casal, a série apresenta Tara, a nova bruxa que começa a se relacionar com Willow, ganhando assim grande destaque para a série.

Com a criação da série *The L Word*, a mulher lésbica conseguiu se enxergar na televisão, sendo esta série um marco e grande referência para a comunidade feminina LGBTQ até os dias atuais. Diane Anderson-Minshall (2006) afirma que o que cativou o público foi o seu pioneirismo, já que foi criada por e feita para mulheres LGBT. Sendo a série um show que as lésbicas poderiam chamar de “seu”. De acordo com a página do programa na internet, que permanece ativa, ela foi criada por Ilene Chaiken e distribuída pela emissora *Showtime*, sendo ainda popular entre seu público, voltando para uma sequência com o nome “The L Word: Generation Q” em 2019 (Showtime, 2019). Desta vez propondo um debate não só sobre a vida da mulher lésbica como sobre a nova geração *Queer*. Nesta série, temas como a sexualidade, família e cultura lésbica eram frequentes em todos os episódios, já que quase todas as personagens eram LGBTQ.

Ao discutir sobre os estereótipos que lésbicas carregam, Lee e Meyer (2010) apresentam algumas características frequentes relacionadas a essas personagens. Os autores afirmam então que a maioria das lésbicas são “femme”, ou seja, performam feminilidade, e ainda servem a uma audiência heterossexual que assiste os programas. A imagem butch é pior economicamente para as produtoras de conteúdo, e não são muito representadas na televisão (LEE; MEYER apud CIANSULLO, 2010). Ao observar a representação da mulher lésbica na televisão brasileira, Dantas (2016) afirma que não nota-se mulheres negras, pobres, gordas e que não performam feminilidade, concluindo então que a representação lésbica é marcada

pela presença de padrão heteronormativo, e não representa fielmente a diversidade da comunidade.

Existe uma “fórmula de sucesso para personagens lésbicas”, que consiste em introduzir um casal de mulheres “jovens, bonitas, desprovidas de muitas roupas e ainda com uma expressão inocente no rosto”, de modo a atender fantasias sexuais masculinas. Percebe-se, então, uma carência em relação à representatividade social, apresentada de maneira falha e, ainda, sob o estigma da fetichização da figura lésbica. (DANTAS apud SANTANA, 2016, p.15).

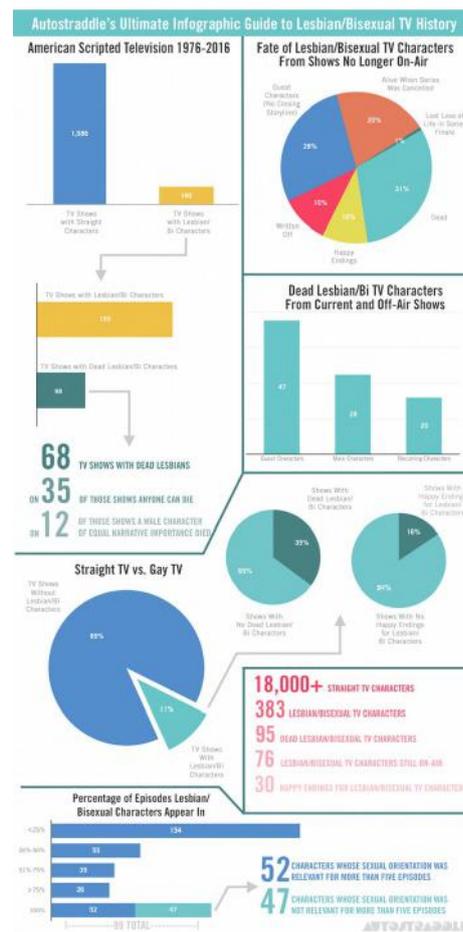
Como apresentado, ocorre uma frequência de personagens que seguem características padrões e femininas. Entretanto, existem outras representações preocupantes como a assexualização da mulher lésbica. As personagens lésbicas, das séries e programas de TV, foram, durante muito tempo, retratadas como corpos sem sexualidade. Personagens que serviam apenas como coadjuvantes e que não tinham suas relações trabalhadas igualmente, como os heterossexuais tinham. Quanto a assexualização da mulher lésbica, pode-se discutir como elas apresentavam relações de formas bem diferentes aos casais heterossexuais, com o afeto limitado a troca de sorrisos e olhares, enquanto os outros casais têm sua sexualidade apresentada de forma explícita. (DANTAS, 2016). Na televisão brasileira isso pode ser percebido facilmente. Pode-se exemplificar com inúmeras personagens, como Clara e Marina de *Em família*, Jenifer e Eleonora de *Senhora do Destino* e Stella e Catarina de *A favorita*.

As séries de canais fechados, na televisão internacional, inseriram personagens lésbicos de maneiras mais fiéis. Como já dito, após a série *The L Word*, é possível enxergar uma abertura para a discussão do tema. Assim consegue-se exemplificar diversos personagens que não foram estereotipadas da maneira apresentada, sendo elas Cosima de *Orphan Black*, Lauren de *Lost Girl* e quase todas as mulheres lésbicas de *Orange is The New Black*. Todavia, é complicado comparar personagens criados para canais fechados com personagens de um canal aberto brasileiro. O canal fechado é garantido por via de assinatura e pagamento do espectador, que assim recebe o sinal em sua casa (MATIAS, 2011, p.14). A TV a cabo apresenta ao consumidor a possibilidade de adquirir diversos canais com muitos conteúdos diferentes, podendo ele escolher o que compra e o que assiste. Dessa maneira os canais de TV fechada ganharam a oportunidade de trabalhar conteúdos considerados mais polêmicos, como sexualidade, por exemplo, já que só consome o programa quem realmente deseja.

Como discutido, as personagens lésbicas são em sua maioria femininas, não demonstram sexualidade e muitas vezes são criadas como conteúdos voltados ao público heterossexual. Todavia, percebe-se uma outra característica bem marcante quando analisa-se algumas personagens. Seja em séries, filmes, novelas, é possível perceber como as lésbicas

continuam a morrer. Ao analisar personagens de séries que eram disponíveis na televisão americana, o site *Autostraddle* (2016), de conteúdo lésbico, criou um infográfico sobre a participação da mulher lésbica nos conteúdos. Após a morte da personagem Lexa, na série *The 100*, as fãs questionavam o porquê de suas personagens preferidas sempre morrerem. Criaram então uma lista de 148 lésbicas e bissexuais da TV que morreram repentinamente. Heather Hogan (2016), escreveu então o artigo para o *Autostraddle* e criou o gráfico (figura 2), analisando os principais enredos das personagens. De 1976 a 2016, apenas 11% dos shows apresentavam mulheres lésbicas ou bissexuais, 35% desses programas mataram suas personagens LGBT, e somente 16% apresentaram personagens com finais felizes. No Brasil, a novela *Torre de Babel* (1998) apresentou as personagens lésbicas Leila e Rafaela, que ao serem mal recebidas pelo público foram mortas em uma explosão.

**Figura 2 – Infográfico Guia da Lésbica/Bissexual na História da TV**



Fonte: Site *Autostraddle* <sup>2</sup>

2 Disponível em: [www.autostraddle.com](http://www.autostraddle.com). Acesso em: 14 de out, 2019.

É possível destacar como ocorre uma repetição de estereótipos e destinos entregue aos personagens lésbicos. Mesmo com a televisão a cabo e novas plataformas de *streaming*, as consumidoras buscam uma representatividade mais verdadeira, feita a partir do seu próprio olhar, e frequente nos conteúdos que consomem. É possível compreender o porquê de uma grande movimentação do público LGBT para novas plataformas digitais, já que não ocorre uma fiel representação pela mídia tradicional.

### 3 NOVAS TECNOLOGIAS, ATIVISMO E YOUTUBE

Com o objetivo de analisar conteúdo lésbico do YouTube, plataforma de compartilhamento de vídeos, foi necessário entender uma breve história das TICs e redes sociais. Buscou-se compreender também os novos tipos de relacionamentos que começaram a ser possíveis com essas novas tecnologias, entendendo o conceito então de ciberespaço, cibercultura e seus ativismos. Após essas análises, é fundamental dissertar sobre o funcionamento da plataforma estudada, o YouTube.

#### 3.1 NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E REDES SOCIAIS

Antes de trabalhar com a plataforma escolhida, deve-se pensar na tecnologia que concedeu lugar para as redes sociais. O mundo passou por mudanças e novos tipos de tecnologias ganharam espaço na sociedade. Durante a Guerra Fria, a disputa entre as potências mundiais alavancou a pesquisa tecnológica em diversos países. Em 1968, o governo norte-americano financiou pesquisas que buscavam implantar um sistema de informação em rede (ABREU, 2009, p.2). A ARPA, Administração dos Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados-Unidos, promoveu um apoio financeiro às pesquisas quanto a Internet (BRIGGS; BURKE, 2004, p.300). A Arpanet, o primeiro sistema de redes já criado, era limitada, e servia apenas como rede de compartilhamento de pesquisas e informações entre universidades (BRIGGS; BURKE, 2004, p.301). Em 1975, ela tinha acesso de dois mil usuários, e permitia acesso livre a professores e pesquisadores de tecnologia (ABREU, 2009, p.2). A rede era disponível para as universidades mais tecnológicas e para a comunidade acadêmica de tecnologia da época, popularizando-se apenas anos depois do seu surgimento. Essa tecnologia inicial transformou-se no grande mecanismo e ferramenta que conhece-se hoje, a Internet.

A Internet era valorizada por motivos de defesas militares e também pela comunidade das universidades da época. Para ela ganhar valor e visibilidade por outras pessoas, era necessário que estas tivessem consciência das possibilidades comerciais que a rede oferecia (BRIGGS; BURKE, 2006, p.302). De acordo com Briggs e Burke (2006, p.300), a partir de 1979 provedores de serviços online começaram a surgir, mas apenas durante a década de 90 que ocorreram os grandes avanços da Internet. O acesso à rede pelas comunidades acadêmicas foi de extrema importância para a futura popularização e investigação tecnológica quanto a

Internet. Castells (2001, p.29) afirma que nas décadas de 60 e 70 surge uma cultura de liberdade individual nas universidades, onde os alunos e a comunidade acadêmica utilizava dos computadores para outros fins, seja buscando inovação tecnológica ou por um prazer de descoberta (CASTELLS, 2001, p.29). A rede, que até então era ligada a comunidade acadêmica, e voltada para um pequeno público, torna-se uma rede aberta para todos. Briggs e Burke afirmam sobre a popularização da Internet:

O grande avanço aconteceu entre setembro de 1993 e março de 1994, quando uma rede até então dedicada à pesquisa acadêmica se tornou a rede das redes, aberta a todos. A rede era "frouxa" e não tinha proprietário, embora dependesse das agências de comunicação. No mesmo período, o acesso público a um programa de navegação (Mosaico), descrito na seção de negócios do New York Times de dezembro de 1993 como "a primeira janela para o ciberespaço", tornou possível atrair usuários — na época chamados "adaptadores" — e provedores, os pioneiros em programas cujas origens já foram descritas. (BRIGGS; BURKE, 2006, p.300).

A Internet desenvolveu-se na década de 70, contudo, foi apenas depois de 1990 que ela alcança um novo status, com sua nova interface gráfica (BARRETO, 2012, p.11). Depois de mais de 20 anos da sua criação, a rede começa a ter um desenvolvimento popular quando Tim Berners-lee, tecnologista inglês, programa os primeiros softwares que foram fundamentais para uma configuração da Internet (BARRETO, 2012, p.11). Além destes softwares, os provedores da Internet foram fundamentais para a popularização da rede, já que na década de 90 eles montaram suas próprias portas de comunicação comerciais (CASTELLS, 2001, p.18).

A rede está inserida nas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). A tecnologia oferece às pessoas a capacidade de ampliar os processos de participação da sociedade (GIARETTA; GIULIO, 2017, p.162). Com os avanços tecnológicos, e a aprimoração da Internet, as pessoas passam a estar conectadas em uma extensa rede de informação e também comunicação. Esta rede fica cada vez maior e mais popular, deslocando-se do seu propósito inicial, de defesa militar e pesquisas científicas. Antes disso, todo tipo de informação demorava muito para ser transmitida e recebida. As sociedades eram ocultas, e os modelos culturais desconhecidos por outros. Mesmo com as mídias locais já desenvolvidas, como jornais, revistas e meios audiovisuais, a informação não ultrapassava fronteiras. Através das redes e satélites, ela se espalha mais facilmente:

Anteriormente as redes e a tecnologia de satélites, os acontecimentos de outros países demoravam a chegar na mídia local do país. A emergência das TIC

alterou significativamente os modos de vida e as relações entre os indivíduos no espaço urbano, trazendo novas configurações sociais, culturais, comunicacionais e políticas (GIARETTA; GIULIO apud LEMOS; LÉVY, 2010).

Na década de 90, as fronteiras entre os novos e antigos meios foram rompidas, junto com as linhas divisórias entre as mídias nacionais e globais (BRIGGS; BURKE, 2006, p.330). A imprensa recebe papel importante, e os jornalistas e o jornalismo sofrem impacto do desenvolvimento da Internet (BRIGGS; BURKE, 2006, 304). Briggs e Burke (2006), afirmam que, mesmo com o resultado positivo da rede na sociedade, com seu compartilhamento de notícias e informação, surge um temor de uma suposta ameaça a “verdade”. Para Castells (2001) a Internet é “um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”. Percebe-se então o tamanho e a capacidade que a rede oferece, interligando diversas comunidades e sociedades, transmitindo informações e diferentes culturas.

Antes de estudar sobre a socialização na web, deve-se entender o que significam as TICs. Segundo Barreto (2012, p.13), as TICs não são apenas os computadores e telecomunicações, mas representam uma conquista de liberdade do indivíduo sobre informações. Essas tecnologias são *gadgets*, que compõem uma infraestrutura de uma plataforma tecnológica. Muito mais que aparatos tecnológicos, essas tecnologias possuem funções de conectar os indivíduos e sociedades. Barreto afirma:

As reais modificações advindas das tecnologias de informação são as condições de interatividade e interconectividade do receptor com a informação. Estas transformações estabeleceram um novo relacionamento entre o gerador, o receptor; uma grande ideia que se chocou com o tempo certo (BARRETO, 2012, p.14)

A popularização da rede, e o aumento do acesso à informação e comunicação, demonstram o potencial da Internet como um instrumento de democratização (BRIGGS; BURKE, 2006, p.15). Com a maior facilidade de conexão, o indivíduo ganha liberdade de ir e vir no espaço da comunicação (BARRETO, 2012, 12). A rede torna-se tecnologia fundamental na cultura do indivíduo contemporâneo. Para Castells (2001, p.7), a Internet é “tecido de nossas vidas”, sendo essa tecnologia da informação tão importante quando a eletricidade foi na Era Industrial. Somado a isso, a rede possui influência que vai além do quantitativo de usuários, como afirma Castells:

A influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também à qualidade do uso. Atividades econômicas,

sociais, políticas, e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores (CASTELLS, 2001, p.9)

O autor afirma que as redes de conexão na sociedade sempre existiram, entretanto, foi com o surgimento de tecnologias e o desenvolvimento dessas, que essas passam para um mundo virtual. A Internet é então um espaço de sociabilidade dos indivíduos, porém, como afirma, essa sociabilidade é baseada em um individualismo (CASTELLS, 2001, p.135). Para o autor, com o surgimento das redes sociais, as pessoas ficaram cada vez mais organizadas em redes mediadas por um computador, este que oferece um suporte material para a difusão do individualismo em rede.

Ao traçar uma linha do tempo de redes sociais virtuais na sociedade, Calazans e Lima (2013, p.9) apresentam que 'já na década de 70 existia o CompuServe, uma interface que disponibilizava troca de notícias e arquivos entre as pessoas. O surgimento da American Online (AOL), em 1985, é uma parte importante da história das redes que conhecemos hoje, já que a plataforma oferecia ferramentas de criação de perfis virtuais (CALAZANS; LIMA, 2013, p. 10). Essa plataforma disponibiliza, no fim dos anos 90, ferramentas como blogs e outras de trocas de mensagens instantâneas (CALAZANS; LIMA, 2013, p.10).

A organização das principais redes que conhece-se hoje, começa a partir de 2004, quando foram criadas as grandes plataformas de sociabilidade (CALAZANS; LIMA, 2013, p.11). De acordo com Calazans e Lima (2013), a plataforma MySpace já ocupava espaço na Internet antes de 2004, porém a rede perdeu forças com o surgimento do Facebook que cresceu rapidamente após sua liberação ao acesso ao público geral, já que antes, a rede social criada por Mark Zuckerberg, era restrita aos alunos da faculdade Harvard.

No Brasil, o Facebook, a principal plataforma social conhecida hoje, teve seu crescimento mais lentamente do que no seu país de origem. A plataforma *Orkut*, competiu, durante muito tempo, com as novas redes que tentavam ganhar espaço no mercado. De acordo com Araújo e Rios, essa popularidade da plataforma era consequência de uma facilidade de acesso que a rede apresentava, como afirmam em seu artigo:

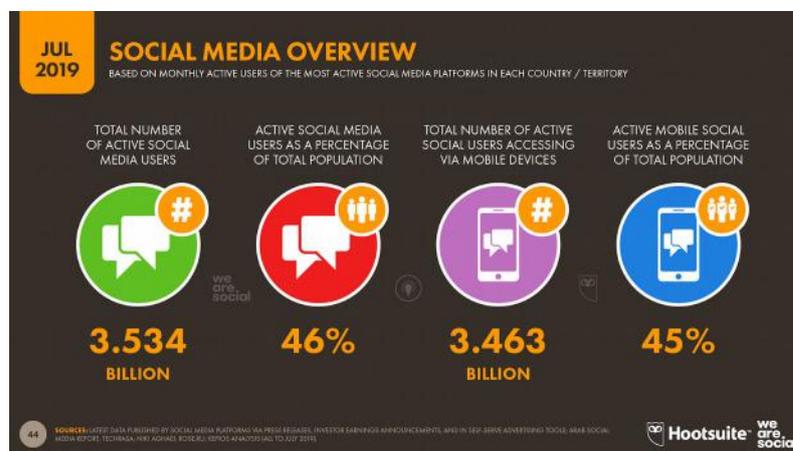
O Orkut foi uma das primeiras redes sociais a serem usadas no Brasil. Criado por Orkut Buyukkokten, enquanto aluno da Universidade de Standford e funcionário do Google, em 2004, a rede de relacionamento acabou se tornando verdadeira sensação entre os brasileiros.(...) Talvez um dos principais motivos para tamanho sucesso seja o fato de ter sido o primeiro site de relacionamento com versão em português, o que não acontecia com seus concorrentes da época, como o Facebook e o MySpace. Sem contar com o fato de ser uma

ferramenta de fácil uso e assimilação, especialmente por aqueles que não têm o hábito de usar o computador. (ARAÚJO; RIOS, 2012, p.8).

Apesar de apresentar um processo mais longo e demorado para alcançar o título de principal rede social no Brasil, o Facebook atinge, em 2012, a marca de 835 milhões de usuários no mundo, tornando-se a principal e maior plataforma de sociabilidade (DIJCK, 2013, p.45).

Após a criação das principais plataformas sociais, como o Orkut e o Facebook, surge a necessidade da produção de plataformas de compartilhamento, como o YouTube, o Instagram, e o Twitter. Essas plataformas vão surgindo, e se moldando, de acordo com o comportamento do usuário (CALAZANS; LIMA, 2013, p.12). Atualmente, como aponta pesquisa realizada pelo site *We are Social*, os usuários das redes sociais ultrapassaram a marca de 3,5 bilhões (Figura 3). Entre os adolescentes, de idade entre 13 e 17 anos, as plataformas Facebook, Snapchat, YouTube e Whatsapp são as mais utilizadas (Figura 4). De acordo com pesquisa da *Statista* e *TNW*, realizada em 2019, as principais redes sociais utilizadas no mundo inteiro são o Facebook, o YouTube e o Instagram, respectivamente (Figura 5).

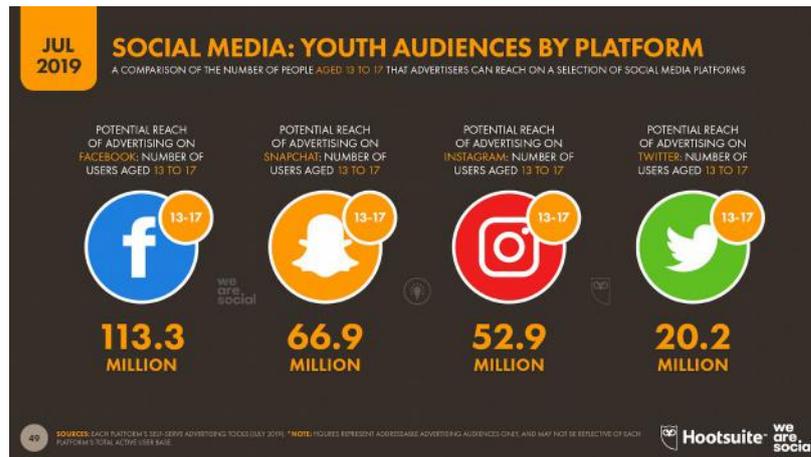
**Figura 3 - Quantidade de usuários em redes sociais**



Fonte: Pesquisa We are Social em parceria com Hootsuite<sup>3</sup>

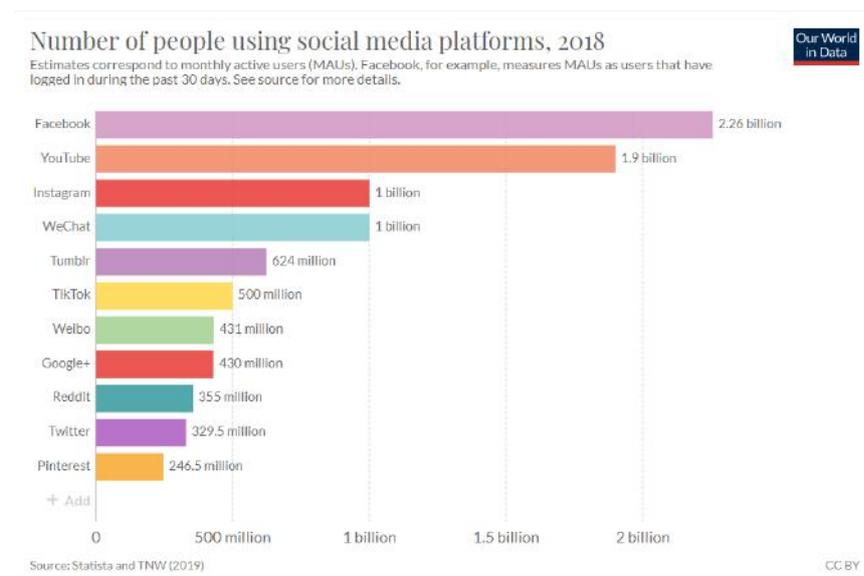
<sup>3</sup> Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2019/07/global-social-media-users-pass-3-5-billion>. Acesso: 15 de nov, 2019

**Figura 4 - Principais redes utilizadas por adolescentes**



Fonte: Pesquisa We are Social em parceria com Hootsuite<sup>4</sup>

**Figura 5- Redes sociais de acordo com número de usuários 2018**



Fonte: Site Our World in Data<sup>5</sup>

É possível então afirmar a grande mobilização de usuários de redes sociais no mundo. Como apresentado nas figuras 3, 4 e 5, a mobilização global de usuários é bem extensa. Como este estudo busca trabalhar o recorte no contexto brasileiro, propõe-se analisar a participação de usuários do Brasil nas redes sociais. A pesquisa do *We Love Social* aponta que no Brasil a

<sup>4</sup> Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2019/07/global-social-media-users-pass-3-5-billion>. Acesso: 15 de nov, 2019

<sup>5</sup> Disponível em: <https://ourworldindata.org/rise-of-social-media>. Acesso: 15 de nov, 2019



popular em todas as sociedades. Após passar por sua fase inicial, quando funcionava principalmente por motivo militar e acadêmico, ela começa a se popularizar no fim dos anos 1990. Após os avanços das novas tecnologias, a rede ganha uma nova finalidade, não apenas como fonte e produção de conhecimento, ela abre espaço para uma democracia participativa (DINIZ; CALEIRO, 2011, p.42). Essa cultura participativa e espaço democrático, torna-se possível a partir do surgimento da chamada *Web 2.0*. Ela surge a partir do crescimento de mecanismos de compartilhamento, organização de informações e de diferentes formas de publicação (PRIMO, 2007, p1). Sendo a segunda geração de serviços online, o termo abrange não apenas as ferramentas tecnológicas, mas também um novo momento de discussões sociais em foco, e uma coletividade em trabalhos e produções de conteúdo (PRIMO, 2007, p.1).

A Internet e as tecnologias de satélites romperam com as barreiras existentes. Diferentes comunidades conseguem alcançar novas informações, e a comunicação passa a ser global. Citando Flichy, os autores Calazans e Lima explicam o novo momento da internet apresentando as comunidades virtuais que “reúnem indivíduos dos quatro cantos do planeta que desenvolvem conversações muito ricas intelectual e emocionalmente, assim como na vida real”(CALAZANS; LIMA apud FLICHY, 2013, p.8). Para Briggs e Burke (2006), pode-se definir a Internet como uma agência de democratização. Mesmo não estando disponível para todos as sociedades do mundo, sendo ainda uma tecnologia que necessita de um suporte caro, como celulares, tablets e computadores, ela alcança bilhões de pessoas, de diversas sociedades, popularizando a informação, a comunicação e criando uma coletividade global. Castells (2001, p.161) a define como um canal de comunicação horizontal, que é relativamente barato, e o qual esperava-se que fosse um instrumento ideal para promover uma democracia, facilitando acesso a informação política. É interessante analisar que, entretanto, a democracia que a internet oferece não é apenas em assuntos políticos. A informação e a comunicação também devem ser democráticos e disponíveis a todas as pessoas.

A partir da popularização da web, novos estudos e teorias passam a ser fundamentais para o entendimento da ferramenta. Levy (1999, p.16) utiliza o termo “ciberespaço” para falar sobre a rede, representando esse o “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. Para o autor, o termo não categoriza a ferramenta tecnológica unicamente, ele também engloba o universo de informações que a ferramenta abriga (LEVY, p.16, 1999). Após citar a Usenet, a primeira plataforma de conversação online, que alcançou popularidade, Malini e Antoun (2013, p.20) destacam 1984 como ano fundamental para o surgimento do ciberespaço, após a nomeação da rede como Protocolo Internet e a

movimentação e organização de grupos ativistas que viram na rede um ambiente de trocas e ação coletiva (MALINI; ANTOUN, 2013, p.20).

Outros termos surgem a partir do conceito de ciberespaço, como é o caso da cibercultura. Levy (1999, p.17) define a cibercultura como conjunto de técnicas, atitudes e valores que desenvolvem-se no ciberespaço. O autor disserta sobre a questão da coletividade que é proporcionada pela rede, assim como uma cultura participativa que começa a ocupar o ciberespaço. A cibercultura é um fator de enriquecimento da diversidade cultural assim como social de uma comunidade (LEMOS, 2004, p.4). Entende-se então a cibercultura como uma cultura que acontece no ciberespaço, que forma-se a partir de uma coletividade e ideias participativas. Lemos (2004, p.6) explica a cibercultura como uma “cultura contemporânea, marcada basicamente pelas redes telemáticas, pela sociabilidade on-line, pela navegação planetária pela informação”. A cultura participativa desenvolve-se a partir de um engajamento de diversas pessoas, que consomem e criam diferentes conteúdos, utilizando de uma inteligência coletiva (BITTENCOURT; GONZATTI, p.105, 2016). Para Lemos(2004, p.9), a cibercultura é fator fundamental para um enriquecimento de uma cultura mundial, de trocas, de compartilhamento e de um trabalho coletivo.

Tecnologia de comunicação, informação e criação, a rede funciona também como uma ferramenta de lutas sociais, já que ela:

facilita as atividades (em termos de tempo e custo), pode unir e mobilizar pessoas e entidades de diferentes localidades em prol de uma causa local ou transnacional, bem como quebrar o monopólio da emissão e divulgar informações ‘alternativas’ sobre qualquer assunto (RIGITANO, p.2, 2003).

Como explica Castells (2001, p.142), a Internet torna-se meio essencial de comunicação, e também de organização de diferentes esferas de atividade, abrindo portas para os movimentos sociais e também os processos políticos. As comunidades, antes excluídas pelos meios tradicionais de comunicação, encontram uma oportunidade de participar e conviver com seus semelhantes nas plataformas digitais. Podendo ser utilizada de diferentes maneiras, ela se ajusta às características de diferentes movimentos sociais, que abrem novas formas de trocas sociais (CASTELLS, 2001, p.144).

As novas organizações na web abriram diversas possibilidades de mobilização e ações de coletivos. A rede torna-se instrumento de democracia, possibilitando a troca de informações e a participação de diferentes pessoas nos seus conteúdos. De acordo com Di Fátima (2003, p.1), as novas tecnologias de comunicação, expandem as possibilidades de organização e mobilização de movimentos sociais, sendo a Internet fundamental para a

inauguração de um cenário novo de debates de diversos temas. O ativismo digital, definido então como ciberativismo, torna-se frequente na rede. Buscando uma democracia e movimentação social, os ativistas utilizam das novas tecnologias como ferramentas de auxílio e organização. Este ativismo não são apenas as mobilizações e manifestações que acontecem através da web, mas sim toda forma de resistência e diferenciação de conteúdos amplamente divulgados pela mídia de massa e detentores dos meios de produção midiáticos. Riginato (2003, p.4) explica o ciberativismo como a utilização da internet para movimentos ativistas. Sobre a utilização da Internet por ativistas, ele afirma que eles:

expandem suas atividades tradicionais e/ou desenvolvem outras. A utilização da rede por parte desses grupos visa, dentre outras coisas, poder difundir informações e reivindicações sem mediação, com o objetivo de buscar apoio e mobilização para uma causa; criar espaços de discussão e troca de informação; organizar e mobilizar indivíduos para ações e protestos on-line e off-line (RIGINATO, 2003, p.4)

Como já explicado, o ativismo vai além de mobilizações e manifestações. A simples ocupação do espaço por minorias sociais já é uma forma de ativismo. Ocupar as redes, ir contra ao movimento hegemônico dos meios tradicionais, e tornar a web um espaço de convivência democrático, são formas de ativismos. Para Diniz e Caleiro (2011, p.42), o ciberativismo é uma forma alternativa ao monopólio dos meios de comunicação de massa, e do controle discursivo e social que são exercidos.

Com os movimentos de ativismo e a maior organização de grupos sociais, forças contrárias passam a utilizar os mesmos mecanismos para atos antidemocráticos e propagação de preconceitos. Como Castells (2001, p.159) afirma, ainda espera-se que a Internet seja um instrumento de promoção à democracia. Entretanto, como afirma Di Fátima (2003, p.7), ela pode ser também utilizada por estados autoritários como forma de repressão. É necessário que o ciberativismo esteja presente constantemente para um posicionamento de diferentes grupos sociais, assim como para uma discussão política e democrática na rede. Para Filha e Wollinger (2016, p.5), desde 2015 nota-se um forte movimento de ciberativistas, que começam a boicotar empresas e discutir pautas de diversas minorias sociais.

Entende-se então como é fundamental a participação das minorias nas web e redes sociais. Assim como uma forma de convivência e colaboração, o ciberespaço é um lugar de defender a democracia e lutar pelos direitos daqueles que não encontram visibilidade em outros lugares. A Internet abre portas para a maior participação e também para um acesso mais fácil à informações. Ocupar a web é importante para dar visibilidade a grupos que eram

invisibilizados por mídias tradicionais. A simples utilização da web para compartilhamento de conteúdos já é interessante para a propagação de conteúdo e a democratização da cultura. Toda forma de participação que vai contra a hegemonia de conteúdo audiovisual, vai ser considerada neste estudo como uma forma de ativismo e resistência.

### 3.3 O YOUTUBE

Entendendo a importância da Internet e o surgimento de ativismo digital nas redes, pode-se trabalhar o recorte deste estudo. Como já apresentado, a popularização da web causou grandes mudanças nas formas de socialização do mundo. Agora conectado, apresenta uma cultura própria que forma-se no ciberespaço. As minorias e grupos sociais enxergam a possibilidade de ocupação e ativismo em um espaço mais democrático, que não está no domínio de grandes produtores de conteúdos e que oferece uma liberdade de ser diferente. Como mostrado, no Brasil, a plataforma da web mais utilizada é o YouTube.

O YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeo que surge 2005, criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim (BERNADAZZI; COSTA, 2017, p.149). O site funciona como um ambiente de compartilhamento e produção de conteúdos audiovisuais do mais diversos tipos. Pode-se encontrar videoblogs, *webséries*, videoclipes, e inúmeros outros tipos de conteúdos. Encontra-se também canais próprios de produtoras televisivas, que transmitem seus programas na plataforma para gerar mais engajamento, como uma técnica de convergência.

O problema de uma representatividade de minorias nos meios tradicionais de comunicação, gera um movimento destes grupos para plataformas que sejam mais democráticas e que apresentem mais liberdade. Entende-se então o porquê da grande utilização da plataforma YouTube no Brasil. O setor audiovisual brasileiro tradicional, como séries e novelas de TV aberta, pecam pela baixa representatividade e por sua hegemonia de conteúdo. Entende-se que a utilização do ciberespaço, como um lugar de ativismo, também gera a criação e visualização de conteúdo que seja voltado para diferentes grupos sociais na plataforma. Jenkins (2009, p.357) discursa sobre o YouTube e explica que ele funciona como uma plataforma de produção e distribuição de mídia alternativa, sendo ele fundamental para uma ruptura do conteúdo das mídias de massa, sendo o conteúdo por ele criado a partir de uma cultura participativa. Ele explica:

O YouTube representa o encontro entre uma série de comunidades alternativas diversas, cada uma delas produzindo mídia independente há algum tempo, mas agora reunidas por esse portal compartilhado. Ao fornecer um canal de distribuição de conteúdo de mídia amador e semiprofissional, o YouTube estimula novas atividades de expressão (2009, p.357)

Para Jenkins (2009, p.358), essa participatividade que a plataforma oferece acontece em três diferentes esferas, sendo elas a produção, a seleção e a distribuição de conteúdo. Sendo a plataforma apresentada a primeira a reunir em um só lugar essas três funções.

O YouTube, por estar no ciberespaço, começa a ser utilizado como lugar de praticar ativismo digital. Para Diniz e Caleiro (2011, p.49), a plataforma torna-se uma aliada ao ciberativismo por ter um poder de difusão alto e por apresentar técnicas de compartilhamento. Vê-se então cada vez mais a participação de grupos sociais se posicionando na plataforma. Não apenas com vídeos que conversam diretamente com a questão política e ativista, mas também com vídeos paródias, e até vídeos comuns, que garantem o direito de uma pessoa pertencente a uma minoria de enxergar-se em algum meio audiovisual. Jenkins (2009, p.377) afirma que o jovem passa a ver a plataforma como um lugar de expressão individual e coletiva, isso demonstra como esse não sente-se presente em outras mídias e como a plataforma apresentada oferece uma liberdade de ser.

Encontra-se atualmente, os mais diversificados tipos de conteúdos possíveis na plataforma. Canais que falam de política, viagens, comida e sobre a vida em geral, atraem milhões de usuários todos os dias para a rede. Todos podem ser produtores de conteúdo, e todos podem ser consumidores de conteúdo. Com uma extensa quantidade disponível, é até difícil filtrar o que é bom e o que é ruim na rede. Entretanto, é possível notar como muitos destes canais veem a plataforma como um lugar democrático e que propõe uma liberdade de criar e ver criações de outras pessoas. Nos mais diversos tipos de vídeos pode-se encontrar formas de ativismo, seja com conversas e debates sociais, ou com a simples participação da figura oprimida, que agora encontra espaço para falar sobre suas vivências e engajar os usuários.

#### 4 O YOUTUBE COMO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA LÉSBICA

Com o objetivo de estudar a representação e a participação da figura da mulher lésbica no YouTube, este capítulo propõe um mapeamento e análise exploratória dos principais canais lésbicos na plataforma. A análise será voltada para canais em formato de blog, não cabendo o estudo de webséries e outros tipos de formatos.

Após analisar teoricamente questões de representatividade e de ativismo em meios tradicionais e digitais, buscaremos entender quais são os principais conteúdos produzidos por, e para, mulheres lésbicas na plataforma em questão. Para isso, foi necessário um mapeamento básico dos principais canais lésbicos no YouTube a fim de compreender os principais conteúdos propostos. Para definir mais relevantes a este estudo, foram consideradas questões como seguidores. Destacam-se nesta pesquisa, canais com conteúdo centrado em alguma forma de ativismo, representatividade e militância, por exemplo.

Após a seleção dos canais, foi necessário definir o que será analisado, para garantir uma estudo compatível entre todos eles. Observando o conteúdo que o canal propõe, será possível entender como ele se posiciona na plataforma, qual a categoria que ele se insere, e dessa forma busca-se comprovar a diversidade de temas compreendendo, em que momentos, é possível enxergar representatividade e ativismo na fala das blogueiras. É necessário também, analisar a relação com os fãs, sendo possível entender como que a plataforma tornou-se um lugar de convivência entre mulheres lésbicas, garantindo liberdade e sendo um espaço que a pessoa pode ser ela mesma. Buscando conectar as teorizações desse estudo ao material analisado, propõe-se discutir sobre as formas de ativismo encontradas, podendo ser elas as mais diversas, como questões de convivência que o canal propõe, espaços de debates, conteúdos com críticas sociais, falas sobre existência LGBTQ+, ou temas que enfatizam a representatividade lésbica romântica e sexual na rede. Não é necessário que a blogueira apresente um foco em militância e ativismo, pois apenas sua existência e participação em um meio midiático é representativo e pode ser considerado como um ativismo de ocupação de espaço.

Serão escolhidos canais da plataforma YouTube Brasil, propondo um recorte dos canais e também porque, como apresentado, a plataforma brasileira é de grande relevância e participação no cenário mundial. Este estudo busca demonstrar como a escassez da representatividade nos meios tradicionais causa uma movimentação para os novos meios digitais, que tornam-se espaço de conversa de minorias e espaço de fala para mulheres lésbicas, que antes eram esquecidas.

#### 4.1 P LANDUCCI, MÚSICA E 1 MILHÃO DE SEGUIDORES

Paula Landucci é uma cantora e *youtuber* (profissional que posta conteúdo na plataforma) de apenas 25 anos. Ela entrou no YouTube em 2010, quando a plataforma ainda não tinha se popularizado no Brasil. Com suas músicas de criação autoral, ela iniciou o seu canal, e apresenta em 2019 mais de um milhão de seguidores, sendo assim o maior canal que produz conteúdo voltado para mulheres lésbicas no Brasil. P Landucci, como é conhecida, lançou sua página nove anos atrás e trabalhava assuntos comuns da vida do jovem da época. Em seu primeiro vídeo, chamado “Diário de P. Landucci - Tubes e Tudo Mais!”, ela conversa sobre a nova plataforma da rede social Orkut e sobre o novo doce chamado Tubes. Nesse mesmo vídeo é possível ver o posicionamento de P sobre a questão LGBT, quando a mesma rebate as piadas que eram feitas ao cantor Justin Bieber e a sua sexualidade. Para a blogueira, utilizar palavras pejorativas como “viado” como forma de xingamento era algo ultrapassado, deixando claro seu posicionamento quanto a isso já em 2010.

O canal de Paula seguiu apresentando temas populares aos jovens na época. É possível ver grande quantidade de vídeos sobre tatuagens, sobre bandas e principalmente sobre música. Entretanto, é claro o envolvimento da *youtuber* com questões sociais e a questão LGBTQ+. Em 2013, ao lançar um vídeo chamado “Protesto Passe Livre”, Paula atingiu mais de 400 mil visualizações e debateu sobre as manifestações que tomaram conta do Brasil. No mesmo ano, a *youtuber* deixa claro seu posicionamento contra as atitudes homofóbicas do pastor Marco Feliciano, no vídeo intitulado “Marco Feliciano”.

Paula, em 2014, através de um vídeo intitulado “Homofobia” (Figura 8), debate sobre as principais frases homofóbicas utilizadas pelas pessoas. Esse vídeo apresentou bastante engajamento com as fãs da *youtuber*, que a defenderam de comentários homofóbicos no seu vídeo. A partir da popularização de seu canal, P começa a investir mais em vídeos que gerassem discussões sobre questões LGBT.

**Figura 8: Vídeo sobre homofobia de P Landucci**



Fonte: Canal do YouTube de P.Landucci<sup>8</sup>

É possível enxergar a representatividade e o ativismo proposto por Paula em diferentes tipos de conteúdo. Primeiramente, ela é representativa por ser uma mulher LGBT produtora de conteúdo em um canal de sucesso, sendo a sua participação uma própria forma de ciberativismo e representatividade que vai contra o esquecimento de figuras lésbicas em outros meios. Ela, e as próximas youtubers estudadas, possuem o chamado local de fala, já que são mulheres lésbicas que falam sobre ser lésbica, e tem propriedade para falar sobre o tema. A sua presença nesse lugar já é fator relevante, pois demonstra uma representação da mulher lésbica em espaços de criação de conteúdo. Além disso, essa presença é muito importante para suas fãs LGBTQ+, que se sentem representadas e consomem um produto voltado exclusivamente para elas, produto este que sempre fez falta em meios tradicionais de mídia. O YouTube mantém seu papel na cibercultura de expandir o universo das representatividades, permitindo uma liberdade de ser e viver, sendo um lugar de desconstrução de estereótipos sociais (GAMBÔA, 2017). O entendimento da plataforma enquanto um espaço de um ativismo de representações, é cabível a todos os canais aqui analisados, já que eles apresentam mulheres lésbicas que representam a comunidade na plataforma, sendo suas presenças a própria forma de ativismo.

Em meio à abordagem de assuntos LGBTQ+Paula permaneceu fazendo conteúdo divertido e com temáticas leves para seus seguidores. A partir de 2016, a youtuber começou a produzir vídeos que giram em torno de “ser lésbica”, criando quadros com sua namorada da época, falando sobre experiências lésbicas e outros diversos assuntos. Mesmo sendo um conteúdo descontraído, também é possível enxergar esse material como uma forma sutil de

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MZ0icUnyxnk&t=387s>. Acesso em: 25 de nov, 2019

ciberativismo, sendo também um ativismo de representatividade, que propõe uma visibilidade à questão amorosa e sexual da mulher lésbica, assim como sua vida cotidiana.

Outro tipo de ativismo que pode-se enxergar nos vídeos de P, é sua forma direta e sem metáforas de fazer manifestações contra as injustiças do mundo. A youtuber se posicionou e deixou clara a sua opinião sobre questões relevantes da sociedade. Vídeos sobre protestos, sobre ser LGBT e vídeos como o “Lutar pelo que?”, de 2015 e “Cura Gay”, de 2017, debatem sobre questões sociais e mostram o posicionamento da blogueira quanto a diferentes temas referentes à comunidade LGBTQ+. Além desses conteúdos, em seu vídeo “Parada Gay 2015”, vemos um tipo de ciberativismo de ocupação, que é a convocação de fãs para participar de movimentos e manifestações sociais a favor de LGBTQ+. Seu canal funciona como um espaço de discussão de temas importantes e também gera conteúdo de diversão e de representatividade para mulheres lésbicas desde 2010.

#### 4.2 LOUIE PONTO E O FAMOSO “SAÍ DO ARMÁRIO”

Desde 2009, Louie postava seus covers musicais na plataforma, ainda em crescimento, o YouTube. Assim como P Landucci, essa youtuber já promove conteúdo na plataforma há mais de uma década. O canal, chamado Louie Ponto, atingiu a marca de 500 mil seguidores no ano de 2019. Com conteúdo diverso e vídeos em formato de blog, a youtuber mantém um fluxo de criação de conteúdo alto e seu número de fãs cresce diariamente.

Antes de 2015, a Louie investia apenas em vídeos musicais em seu canal. Covers de músicas como “Oitavo andar” e “Monomania”, da artista Clarice Falcão, eram frequentes. Seis anos após a criação de sua página, Louie resolve lançar vídeos em formato de blogs sobre assuntos diversos e temas que giravam em torno de sua vida. Em seu primeiro vídeo não musical, intitulado “A crise dos vinte e poucos anos”, ela debate sobre o envelhecimento, sobre questões de conhecimento de si mesmo e sobre a vida adulta. A diversificação de temas permitiu que assuntos como respeito, gênero e ser lésbica começassem a ser debatidos no canal.

A ocupação de Louie de um espaço no YouTube já pode ser considerada uma forma de ativismo. Uma mulher lésbica, que não performa feminilidade e que sempre deixou claro a sua sexualidade, ao participar de um canal de conteúdo com grande visibilidade, já se opõe ao sistema midiático homogêneo, que representa a mulher como heterossexual performance de feminilidade. O fato de Louie usar seus cabelos curtos, roupas masculinas e manter um nome neutro, garante à ela uma androginia que praticamente não é representada em mídias

tradicionais, como apresentamos nesse trabalho. Em seu vídeo “Qual é meu gênero?”, a youtuber debate sobre a questão de gênero na sua vivência pessoal. Ela explica sobre sua história, sobre questionamentos de gênero, e de uma maneira muito didática fala sobre as imposições que são feitas as mulheres. A discussão de temas como esse é normal no canal de Louie, ela pratica seu ativismo propondo discussão e debates sobre temas importantes para as minorias marginalizadas pelos meios tradicionais. Ao falar sobre questões de sexualidade, gênero e identidade, ela oferece aos fãs um fator de reconhecimento.

Após algum tempo de funcionamento do canal, a youtuber começa a criar conteúdo focado em sua vivência lésbica. No vídeo “Visibilidade Lésbica”, Louie fala sobre agosto, o mês da visibilidade. Ela explica a importância da comemoração desta data, e a importância de um mês de orgulho para um grupo que sempre foi oprimido. A youtuber passa a ter mais destaque após a introdução desse conteúdos lésbicos no canal. Vídeos deste tipo tendem a ganhar visualizações por serem tão escassos na vida fora da internet. Se uma mulher lésbica passa por um momento de descobrimento de si mesma, ela não consegue achar material nos meios tradicionais, e o YouTube é uma plataforma perfeita para isso. Nesses tipos de conteúdo o ativismo de Louie funciona ao debater assuntos que são deixados de lado em outros meios. Ao produzir esse tipo de material, ela atrai mulheres lésbicas ao seu canal, criando uma comunidade que consome os vídeos, e conversa sobre assuntos fundamentais. Como é o exemplo do vídeo “Como saber se sou lésbica”, onde Louie fala sobre as caixas impostas às mulheres desde suas infâncias. Ela fala sobre como a heterossexualidade é instituída a mulher desde pequena. E que os conteúdos exibido para crianças reforçam essa heterossexualidade, como são os filmes de princesas e desenhos no geral.

Em seu vídeo “Como se assumir para a família”, Louie ganhou um grande destaque no YouTube, assim como no vídeo “Trollei minha mãe dizendo que sou lésbica” (Figura 9). A questão de se assumir para as pessoas de convivência sempre é um assunto muito visualizado na plataforma, seja por pessoas que já são famosas, ou pessoas que tornam-se famosas após esses vídeos. A verdade é que este tipo de conteúdo causa grande mobilização na rede, e as pessoas apreciam esse tipo de material. A questão de identificação com um gênero ou sexualidade já é um processo demorado e difícil na vida de uma pessoa, mas o processo de expor para o mundo sobre isso é bem complicado também. Em uma sociedade que a heterossexualidade é vista como o normal, e que qualquer pessoa que fuja dessa normalidade será vista como subversiva, se assumir é muito difícil na vida de um LGBTQ+. Por isso, vídeos com esse tema sempre geram muito engajamento, pois as pessoas buscam sobre isso em momentos de descoberta e momentos de medo. No primeiro vídeo, Louie fala sobre sua

vivência ao se assumir para a família e amigos. Debate sobre o medo constante do LGBTQ+ em falar para os outros sobre si mesmo. No segundo vídeo, um dos vídeos de maior destaque no canal de Louie, a youtuber fala sobre os vídeos de mulheres heterossexuais que brincam com a questão de se assumir para os pais. No vídeo, com mais de 860 mil de visualizações, Louie fala sobre aqueles que mostram uma brincadeira e que geram violência e um conteúdo muito desagradável para as pessoas LGBTQ+. Usar a realidade de um sofrimento de pessoas não é algo que pode ser considerado uma brincadeira, e é isso que Louie defende. Esses conteúdos que ela cria funcionam como espaços de discussão na web, e geram grande engajamento em outras redes sociais. Através de uma convergência ela mobiliza milhões de pessoas em redes sociais, a debater sobre questões importantes. Seu ciberativismo ultrapassa a rede do YouTube, e gera militância e representatividade em outros lugares.

**Figura 9: Vídeo “trolei minha mãe dizendo que sou lésbica” de Louie Ponto**



Fonte: Canal Louie Ponto no YouTube <sup>9</sup>

Assim como P Landucci, Louie também incentiva momentos de manifestação e luta às mulheres lésbicas. Ou seja, promove um ativismo de ocupação e militância nas ruas, a partir de uma união via web. Ela organiza grupos de encontros para ir nas paradas LGBTQ+ e encontros com as fãs a partir de suas redes sociais. Criando assim um espaço de convivência lésbica, que se inicia a partir de seu canal.

### 4.3 SAPATÔMICA: DO BLOG AO YOUTUBE

Aos 23 anos, em 2014, Bianka Carbonieri, de São Paulo, já tinha lançado o seu site de sucesso chamado “Sapatômica” (CRUZ; NATHANY, 2014). Após ter dificuldades em

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Tzee8tHa0Y&t=207s](https://www.youtube.com/watch?v=_Tzee8tHa0Y&t=207s). Acesso em: 20 de nov, 2019

encontrar conteúdo lésbico em plataformas digitais, Bianca resolve criar o site que se tornaria um sucesso para as mulheres lésbicas, tendo mais de um milhão de visualizações por mês, como ela revela em entrevista. Em 2014, o blog converge para a plataforma YouTube, já que era necessário subir os vídeos primeiramente no site e depois colocar no blog. Apenas em 2016, BianKa começa a produzir vídeos diretamente voltados para a plataforma de compartilhamento.

O site que youtuber criou, buscava apresentar conteúdo diversificado às mulheres LGBTQ+. Temas como sexo, amor e entretenimento eram frequentes na plataforma. Esse tipo de conteúdo permaneceu no canal da youtuber. Em 2019, com mais de 110 mil seguidores, Bianka mantém sua ideia inicial ao Sapatômica, criando conteúdo para a mulher lésbica que procura informação sobre a vivência feminina LGBTQ+.

Bianka se destaca entre as youtubers analisadas até agora, por apresentar um conteúdo pouco visto na plataforma, já que cria, frequentemente, conteúdo sobre sexo e amor lésbico. O primeiro vídeo, intitulado “Lésbica também transa mal”, a youtuber fala sobre sua vivência sexual com mulheres. Ela oferece dicas sobre sexo às seguidoras, de maneira muito descontraída e divertida. No vídeo “SexShop: cosméticos” (Figura 10), ela fala sobre um tema pouco falado na plataforma. Sem tabus, apresenta os produtos e brinquedos sexuais para mulheres lésbicas poderem usar durante o sexo. Esses tipos de vídeo são importantes, pois funcionam como forma de ativismo lésbico. Ao debater sobre temas tabus como a sexualidade lésbica feminina, ela oferece às suas seguidoras informações importantes, que normalmente só são oferecidas às pessoas heterossexuais. Na plataforma, é possível encontrar diversos canais que apresentam informações referentes a sexo para mulheres heterossexuais, como é o caso do canal da Cátia Damasceno, entretanto, conteúdos que oferecem informações exclusivamente para lésbicas é muito difícil de ser encontrado. O sexo lésbico feminino, assim como estudado nesse trabalho, não tem destaque em conteúdos tradicionais. A mulher LGBTQ+ é assexualizada pela mídia e a quantidade de informações disponíveis é consideravelmente menor do que para mulheres heterossexuais. A mulher lésbica, para conseguir informações sobre sexo e amor, deve buscar em novas redes digitais, já que essas informações não são disseminadas em outras mídias. No vídeo intitulado “Dicas para lésbicas virgens”, Bianka oferece informações sobre a primeira vez no sexo para mulheres. Ela explica como é importante a mulher se conhecer antes de tudo. A família, a televisão e as revistas femininas, por exemplo, falam apenas sobre a primeira vez feminina heterossexual. As lésbicas não recebem esse tipo de informação durante sua adolescência e juventude, sendo assim muito importante a existência desse tipo de conteúdo.

**Figura 10 : Bianka Carbonieri no vídeo “Sexshop: Cosméticos”**



Fonte: Canal no YouTube do Sapatômica<sup>10</sup>

A youtuber, mantendo sua ideia do site inicial, permaneceu criando conteúdo sobre sexo, amor e entretenimento. Pode-se considerar seu ativismo tanto como algo representativo, afinal é uma mulher lésbica que fala sobre isso, e também um ativismo informacional, já que cria um local onde mulheres podem buscar informações que, normalmente, são difíceis de encontrar em outros lugares. Ela busca trazer novos conteúdos, e curiosidades que lésbicas gostariam de saber. Ela promove também a disseminação de outros tipos de conteúdos lésbicos, ao fazer críticas e resenhas sobre filmes como é o caso do vídeo “Azul é a cor mais quente”. Neste vídeo, Bianka promove uma crítica ao filme dirigido por um homem, que não apresenta local de fala para falar sobre a vivência lésbica.

Bianka, além de manter uma interação com as fãs no YouTube, ela se conecta em outras plataformas, como é o caso do Twitter. E cria assim um outro mecanismo de convivência, gerando um forte engajamento e discussões relevantes sobre a temática lésbica. Ela promove collabs(vídeos parcerias com outros canais) em seu canal, e a questão da convivência lésbica ultrapassa a relação youtuber e fã, criando uma relação de youtubers com outros produtores de conteúdo, que criam assim mais conteúdo para a comunidade LGBTQ+.

#### 4.4 MI ALVES, A VIAJANTE LÉSBICA

Michelle Alves, blogueira e viajante de 25 anos, iniciou seu canal no YouTube em 2014, quando começou a contar as experiências de seu intercâmbio. O *Au Pair* (intercâmbio

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G54kG1PyEQg&t=418s>. Acesso: 22 de nov, 2019

que promove serviço de cuidadoras de crianças ao redor do mundo), ainda não era muito disseminado no Brasil, e Mi enxergou uma oportunidade de criar um conteúdo novo que geraria visualizações. Durante sua experiência no exterior, a youtuber postava vídeos sobre sua experiência com o Au Pair nos Estados Unidos. Hoje, com mais de 314 mil seguidores, Mi também produz conteúdo sobre veganismo e sobre sua vivência lésbica.

O primeiro vídeo que pode-se ver o posicionamento de Mi quanto a questão LGBTQ+, é seu vídeo intitulado “Fazer intercâmbio namorando”. Nesse vídeo a youtuber fala sobre relacionamentos à distância, e no caso sobre o próprio relacionamento com uma mulher. No vlog sobre *Pride Fest Denver*, uma das paradas gays que acontecem no Estados Unidos, a youtuber deixa claro sua opinião quanto à opressão que acontece no Brasil, e rebate a homofobia e preconceito no cenário brasileiro.

Mi permanece fazendo conteúdo sobre viagens, intercâmbio e veganismo. Ao mesmo tempo, ela passou a se posicionar cada vez mais em seus vídeos e produzir conteúdo sobre sua vivência lésbica. No vídeo “Como eu me assumi”, de janeiro de 2017, ela fala sobre as imposições que a sociedade e a família coloca na vida de uma pessoa, sobre as imposições de gênero e religiosas. Durante o vídeo, ela explica sobre como foi o processo de se assumir para seus pais, que eram muito religiosos na época. No vídeo “Não nasci lésbica”, uma collab com Gabi Moretti, a youtuber fala sobre a dificuldade interna de se entender como lésbica, por estar dentro de um padrão de feminilidade que vai contra os estereótipos reforçados pela sociedade. As youtubers falam sobre como os conteúdos que elas consumiam não apresentavam nenhum tipo de representatividade. Assim, elas não conseguiam se identificar e se encontrar quanto a questão da sexualidade. No vídeo “Estereótipo lésbico” (Figura 11), uma collab com Louie Ponto, as youtubers decidem falar sobre suas vivências e a questão do estereótipo lésbico. Louie explica sobre a criação de uma ideia de feminilidade e masculinidade, como sendo imposições sociais. Louie, que possui mais características andróginas, com cabelo curto e roupas masculinas, fala sobre sua vivência ao ser uma mulher butch. Mi, com seu cabelo longo, e sua performance de feminilidade, fala sobre sua vivência enquanto lésbica feminina. Nesses três vídeos apresentados, é possível ver o posicionamento de Mi e seu ativismo de debate que promove no seu canal. Ela busca fazer vídeos colaborativos com outras pessoas, para agregar seu conteúdo e trazer outras vivências, além de também promover uma convivência entre diferentes youtubers LGBTQ+.

**Figura 11- Mi Alves junto com Louie no vídeo “Estereótipo lésbico”**



Fonte: Canal de Mi Alves no YouTube<sup>11</sup>

Um outro tipo de ciberativismo que é possível destacar no canal de Michelle, é seu ativismo de ocupação e representatividade em uma plataforma, por ser uma mulher lésbica. Ela mostra dicas de viagens especiais para o público LGBTQ+, e após iniciar seu namoro com Bruna, Mi começa a fazer mais conteúdos sobre o casal e integra os vídeos de viagem com suas vivências com a namorada. É interessante mostrar que esse tipo de vídeo, gera uma facilidade de identificação das seguidoras com o canal, além de promover conteúdo informacional sobre turismo LGBT. Mostrar que mulheres lésbicas vivem vidas comuns, fazem coisas comuns e viajam é bem representativo. Em vídeos como “Nossa história de amor” e “Namoro a distância, dá certo?”, ela mostra aos seus seguidores a sua história com Bruna, e sobre como é namorar mesmo fazendo vários intercâmbios. No vídeo intitulado “Pedi a Bruna em casamento na Itália”, um vlog de viagem na companhia de sua namorada, um de vários de Mi, a youtuber pede sua namorada em casamento nas filmagens de seu vlog, sendo muito representativo para mulheres lésbicas que a assistem. Esse vídeo integra um conjunto de outros em que Mi debate sobre questões lésbicas, conta sobre sua vivência e é representativa para suas seguidoras.

#### 4.5 HUMOR E VIVÊNCIA LÉSBICA NO APARTAMENTO 202

Em janeiro de 2017, Carolina Alves e Fernanda Sicuro, lançavam o canal intitulado Apto 202, com o vídeo “Negódi canal”. As youtubers se apresentam durante o vídeo e contam a história do apartamento 202, lugar de locação das filmagens e apartamento das meninas.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v3I9VLR0YB0&t=447s>. Acesso em: 25 de nov, 2019

Desde o início da canal de Carolina e Fernanda, a questão da sexualidade das duas sempre foi deixada clara, e elas oferecem um conteúdo divertido, produzindo vídeos com quizzes, jogos, tags e temas comuns do YouTube. Com o objetivo de produzir conteúdo de humor para as seguidoras do canal. Em 2020, com mais de 120 mil seguidores, a página completará 3 anos e já agrega prêmios em sua coleção.

Os vídeos giram em torno de assuntos engraçados na maioria das vezes, já que elas buscam ser um canal de humor. Mesmo temas mais sérios, sobre questões políticas e sociais, são criados de uma forma mais leve. No vídeo “WTF Youtube”, as youtubers questionam a política de restrição da plataforma. Essa política garante aos pais e responsáveis a capacidade de proibir a exibição de vídeos com algumas tags. Conteúdos sexuais e de violência, por exemplo, são considerados inadequados pela plataforma. Entretanto, conteúdos com as tags “gays”, “lésbicas”, “sair do armário” e “LGBT” estão inclusos na mesma lista de inadequação de tags como “sexo”, “zoofilia” e “assassinato”. As youtubers então debatem e criticam essa política da plataforma, e explicam como ela funciona de barreira para pessoas que buscam representações.

A partir deste vídeo, temas sobre sexualidade e a questão lésbica se tornaram ainda mais frequentes. Sempre buscando levar informação para lésbicas e pessoas heterossexuais, as meninas utilizam de estratégias engraçadas para discutir questões importantes. No vídeo “Não seja esse hétero” (Figura 12), Fernanda e Carol fazem um compilado das coisas comuns que lésbicas estão acostumadas a ouvir. Frases como “um homem não deve ter te pegado direito”, ou homens que perguntam se podem participar de um beijo lésbico, são comuns na vida da mulher lésbica. Elas ainda debatem sobre os estereótipos que as lésbicas carregam e sobre os problemas que eles envolvem. No vídeo “5 dicas de como agir perto de meninas”, Carol e Fernanda apresentam dicas para homens que se preocupam com o bem-estar de mulheres. Simples atitudes como atravessar a rua, fechar as pernas no ônibus e deixar a mulher falar, são importantes para uma mulher que sofre com machismos no dia a dia. Outros vídeos apresentam este tipo de conteúdo, sendo vídeos informativos para pessoas não-lésbicas do que fazer ou não fazer. Esse tipo de material funciona como um ativismo que promove informação e busca diminuir os pré julgamentos e atitudes homofóbicas que acontecem no mundo dentro e fora da internet.

**Figura 12: Vídeo “não seja esse hétero” do canal Apto 202**



Fonte: Canal do Apartamento 202 no Youtube<sup>12</sup>

Outro tipo de vídeo possível de encontrar no canal, são aqueles que apresentam dicas e conteúdos voltados exclusivamente para mulheres que se relacionam com mulheres. Esse tipo de conteúdo funciona tanto como representativo para lésbicas que desejam se enxergar em conteúdos midiáticos, e funciona também como material informativo para quem não encontra em outros meios. No vídeo “Como saber se a menina curte menina”, as youtubers analisam uma lista que foi encontrada na internet sobre as principais características de meninas LGBTQ+. De forma divertida, elas rebatem os estereótipos e ao mesmo tempo concordam com alguns, mostrando cenas das mesmas encaixando nestes. No vídeo “O quão lésbica você é?”, as youtubers fazem uma collab com Yasmin Falcão do canal Marias do Brejo. Durante o esse vídeo, Jullie (a câmera que posteriormente começou a participar do canal), lê sobre estereótipos lésbicos comuns como “toda sapatão tem mais de 2 camisas xadrez” e “já teve crush em mulher hétero”, e um termômetro, chamado por elas de sapatômetro, mede o nível do quão sapatão cada pessoa é.

O canal apresenta outros diversos tipos de conteúdos. No quadro “Desce para o play”, as youtubers analisam filmes e séries, que na maioria das vezes são conteúdos lésbicos. Assim, elas promovem esse tipo de mídia, levando informações às pessoas e aumentando o engajamento em torno de conteúdo lésbico na televisão e nas plataformas de *streaming* (plataformas que você pode assistir conteúdo em tempo real, sem download e sem arquivos), como Netflix e Amazon Prime Video. Também é possível encontrar no canal Apto 202, vídeos sobre as vivências das youtubers, sendo mais uma forma de ser ativista na plataforma.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZtmrjJO0gUc&t=256s>. Acesso em: 25 de nov, 2019

Vídeos como “Como saí de Nárnia”, “Filha sapatão e agora” e “Eu sou sapatão” são bem representativos nessa questão, já que as youtubers contam sobre sua vivência lésbica, a questão de se assumir e como a família lidou com isso. As youtubers criam cada vez mais conteúdos diversificados, voltados para mulheres LGBTQ+, sempre lidando de uma forma engraçada e simples.

#### 4.6 PIETRA PINHO, GABRIELA MORETTI, YAAKUTSU E HEEYCAT

As youtubers analisadas neste subcapítulo, mesmo tendo muitos seguidores e engajamento, apresentam conteúdos voltados a temas mais gerais e não específicos sobre ser lésbicas e a vivência lésbica. Elas criam alguns vídeos que são relevantes de analisar, entretanto não são frequentes o suficiente para uma análise mais completa. A youtuber Pietra Pinho, possui 735 mil seguidores e está no Youtube desde 2015. Gabriela Moretti possui 485 mil inscritos, e tem mais de 419 vídeos, estando na plataforma desde 2011. Yaakutsu, canal de Yasmin Akutsu, foi criado em 2015 e possui mais de 356 mil inscritos. HeeyCat, é o canal de Catarina Alexandre, que iniciou sua criação de vídeos em 2017, e já possui mais de 128 mil inscritos.

Pietra Pinho ganhou engajamento no Youtube com seus vídeos sobre signos e as collabs que participou. Com um conteúdo voltado para adolescentes, investia em temas na moda entre os jovens, como no vídeo “Snapchat” e no vídeo “Tinder e aplicativos de pegação”. Com uma linguagem bem despojada e cheia de gírias, ela conseguiu encantar seus seguidores e tornou-se bem famosa ainda muito jovem. Mesmo com seu cabelo curto e sua androginia, demorou mais de um ano para comentar sobre sua sexualidade e seu posicionamento na rede. Nesse caso ela já praticava um ativismo por ser uma mulher butch em uma plataforma de entretenimento, sendo representativa e ocupando um espaço majoritariamente heterossexual. No seu vídeo “Eu sou lésbica?”, Pietra fala sobre a questão de não comentar sobre sua sexualidade e o porquê de se achar invadida com as pessoas sempre perguntando sobre o mesmo tema. Após esse vídeo, Pietra se posicionou ainda mais e deixou claro tanto sua sexualidade assim como sua vivência lésbica. No vídeo “Saindo do armário”, uma collab com Mellocollela, Pietra conta sua experiência em se assumir como lésbica. Outros vídeos que podemos destacar são “Minha neta é lésbica” e “Homossexualidade é doença”, nestes casos o ativismo de Pietra é o debate que ela promove sobre assuntos relacionados aos LGBTQ+. Após iniciar um namoro, a youtuber começa a

produzir conteúdo com sua namorada, tornando-se mais um dos casais lésbicos do Youtube, que garantem representatividade e discussões sobre amor e sexo lésbico na plataforma.

Gabriela Moretti lançou seu canal em 2011 e seus primeiros vídeos eram tutoriais de maquiagem, vídeos sobre moda e tags comuns do Youtube. A youtuber demorou para se descobrir, e durante muito tempo postou conteúdo voltado para pessoas heterossexuais. Apenas em 2018 que Gabi começaria a postar vídeos sobre sua sexualidade e vivência. A youtuber não possui muito conteúdo de militância e ativismo. Apenas em dois vídeos foi possível encontrar esse tipo de conteúdo, como no vídeo intitulado “Como eu me descobri” e no vídeo “Culpa por gostar de mulher ft. Mi Alves”. Nesses dois vídeos, Gabi fala sobre sua vivência ao se descobrir e os sentimentos de uma mulher no processo de descoberta. Após se assumir para a internet, Gabi também começa a postar alguns conteúdos com namoradas, Juliana Arv e depois Caterina Alexandre, criando uma representatividade e facilidade de identificação pelas seguidoras.

Yasmin Aktusu, criou seu canal em 2015, porém não produz muito conteúdo para Youtube e possui apenas 57 vídeos. No início, seus vídeos variavam entre vlogs e vídeos sobre conteúdos aleatórios, como dietas, tatuagens e cirurgias. Yasmin, nos últimos dois anos, começou a criar alguns conteúdos interessantes sobre a vivência LGBTQ+, como o vídeo “Conselhos para os pais”, no qual fala sobre dicas para pais com filhos que se descobrem gays. Os vídeos mais representativos de Yasmin são os com sua namorada Luana, onde falam sobre sua vida, aceitação e temas diversos. Esses vídeos oferecem informações a seguidoras sobre a vida de um casal lésbico, dicas e vivências.

Catarina Alexandre lançou seu canal HeeyCat em 2017, promovendo vlogs sobre sua vida de dj, sobre seus relacionamentos e seus amigos. No seu segundo vídeo, intitulado “Mãe, sou lésbica”, ela conta sobre como foi se assumir para a sua mãe. Catarina sempre deixou claro sua sexualidade e seu posicionamento quanto a questão LGBTQ+, mesmo não produzindo muito conteúdo de ativismo sobre isso. É possível encontrar vídeos sobre tatuagens, festas e conselhos amorosos no canal de Cat. Em alguns momentos, a youtuber promove conteúdo de ativismo como é o caso do vídeo “Aceitação LGBTQ+” uma collab com Beto Cardoso, sobre a fase de aceitação do jovem LGBT. Somado a isso, como já apresentado, Catarina esteve em um relacionamento com Gabi Moretti, e o casal começou a criar conteúdo sobre isso para a plataforma, sendo representativo para as espectadoras. É interessante destacar que o casal gerou muito engajamento, e que assim construiu uma comunidade de fãs ao seu redor e uma convivência entre as espectadoras, que criaram grupos e páginas em redes sociais para falar sobre as youtubers.

#### 4.7 BRENDA GASPAROTO

Brenda Gasparoto começou a produzir conteúdo para seu canal no Youtube em 2018. Em 2019 a youtuber ultrapassou a marca de 240 mil seguidores. Já com uma certa popularidade no Instagram, Brenda se declara social media e produz conteúdos e fotos para diversas redes, sendo seus vídeos no Youtube os mais variados. Em seus primeiros, ocorre a apresentação da youtuber, como é o caso de "20 fatos sobre mim", "Como eu era 5 anos atrás" e "reagindo minhas fotos antigas". Assim como em suas outras redes, a youtuber cria conteúdo sobre sua vida pessoal, sobre moda e estilo.

O primeiro vídeo que é possível notar o posicionamento de Brenda, quanto a questão LGBTQ+, é o vídeo intitulado "#Vlog parada LGBT de Copacabana", onde ela grava cenas da parada e mostra sua experiência no dia. No vídeo "Vlog: Festa fantasia LGBT/ Rio de Janeiro" ela grava sua ida a uma festa LGBT. No vídeo "Programação de blocos LGBT", de fevereiro de 2019, a youtuber fala sobre os blocos, datas e dicas do carnaval carioca. Ela conta quais ela frequenta e divulga o seu cronograma para o carnaval. Brenda busca promover entretenimento LGBT para seus seguidores ao produzir esse conteúdo, e cria uma rede de informação, convivência e uma relação próxima com as fãs.

Mesmo com seu conteúdo mais jovem e despojado, a youtuber produz material importante, que gera debates importantes. No vídeo "Estive em um relacionamento abusivo com uma mulher", Brenda fala de um trauma que passou na adolescência ao se relacionar com uma pessoa abusiva. Nesse vídeo, a youtuber conta sua experiência com seu primeiro relacionamento com uma mulher e os problemas que enfrentou. Ela debate sobre maturidade, traição e dependência. No vídeo "Lidando com homofobia", Brenda cria um conteúdo importante para o público LGBTQ+. A youtuber explica como ela lidou com a homofobia que sofre desde seus 15 anos, e discute sobre a importância de se impor na sociedade e ter orgulho de si mesmo. Através de um discurso totalmente ativista e militante, a youtuber cria um conteúdo muito importante para a comunidade.

Outro tipo de conteúdo que Brenda promove são os vídeos sobre a sua vivência como mulher lésbica. Em "Criança LGBTQ?" (Figura 13), ela fala sobre a descoberta da sexualidade na infância e as questões de gênero que constroem em torno de roupas e brinquedos. Ela conta também a sua vivência em ser uma mulher que sempre se interessou por brincadeiras e roupas consideradas masculinas. Outro vídeo que Brenda fala de sua vida é o "Minha 1ª vez com mulher". Nesse vlog ela discute sobre sexo na adolescência e conta sua experiência ao lidar com isso. Conta como a internet funcionou de ferramenta de pesquisa

para a deixar mais tranquila e se preparar. Ela termina o vídeo dando dicas para as mulheres, principalmente mulheres jovens, falando que o sexo não deve ser um problema e deve ser lido com tranquilidade. Esse vídeo é importante pois é um relato de vivência lésbica em um canal com muito engajamento, gerando comentários e conversas sobre outras experiências, tornando-se uma grande fonte de informação para mulheres lésbicas.

**Figura 13: Vídeo “Criança LGBT” de Brenda Gasparoto**



Fonte: Canal de Brenda Gasparoto no Youtube <sup>13</sup>

Além de vídeos voltados para lésbicas, Brenda já produziu material direcionado para família de LGBTQ+. No vídeo “Como é ser mãe/pai de uma lésbica”, a youtuber promove um conteúdo em formato de documentário de 4 minutos, onde ela faz perguntas à uma mãe e um pai sobre a vivência deles com a sexualidade de suas filhas. Eles falam sobre como foi o processo de descoberta das filhas, a vivência deles e o orgulho que sentem. Os pais terminam com um discurso sobre amor e o que eles fariam para os outros pais de pessoas LGBTQ+. Esse vídeo funciona como um ativismo informacional, que ajuda em uma aceitação e entendimento de familiares sobre as questões LGBTQ+. O canal de Brenda oferece conteúdo divertido e despojado sobre o mundo lésbico porém, ao mesmo tempo, discute assuntos importantes e reserva momentos para debates sobre a questão social que envolve ser LGBTQ+ em uma sociedade homofóbica.

#### 4.8 MILITAR E RIR TAMBÉM É POSSÍVEL, UM CAPÍTULO SOBRE TÁ ENTENDIDA

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cIqSjkOLRMw&t=389s>. Acesso em: 20 de nov, 2019

O canal “Tá entendida”, criado por Tatiana Fernandes e Yasmin Campbell em 2018, alcança a marca de 69 mil inscritas em 2019. No primeiro vídeo do canal, “O piloto”, Tatiana está no celular falando com a youtuber que vai a acompanhar pela jornada da criação de conteúdo no Youtube. Ela explica que o que quer é criar um canal que fale sobre o “universo sapatão”, como é comprovado por todos os vídeos da dupla de youtubers, que já no nome do primeiro vídeo faz uma referência a série popular entre mulheres lésbicas, chamada *The L Word*. É interessante explicar que o próprio nome do canal também faz referência a vivência lésbica, como as youtubers explicam. O termo “entendida”, que antes era utilizado para falar de forma sutil que uma mulher era lésbica, é ressignificado e utilizado agora como forma de empoderamento. No segundo vídeo, já com Yasmin ao seu lado, elas falam sobre a série citada, e como ela foi importante para mulheres lésbicas na época de exibição. As youtubers contam como que *The L Word* causou um sentimento de representatividade e pertencimento às mulheres lésbicas que assistiam a série. Explicando que anteriormente a isso elas não se sentiam representadas em nenhum outro conteúdo.

O canal oferece, na maioria de seus vídeos, conteúdos voltados exclusivamente para mulheres que se relacionam com mulheres, garantindo uma representatividade e lugar de pertencimento a espectadoras LGBTQ+. No vídeo “Meu primeiro amor”, as duas contam sobre suas experiências e seus primeiros amores lésbicos. Elas utilizam de humor e estratégias de edição de vídeo e de montagem para criar um conteúdo inovador, que busca discutir temas importantes de uma forma leve. Como é o caso do vídeo “Vantagens de ser lésbica”, onde elas falam sobre a vivência das duas como mulheres LGBT, discutindo sobre questões de machismo, medo de homofobia e também como é se relacionar com outra mulher. As youtubers já produziram diversos outros vídeos semelhantes a esse, onde ao falar sobre as suas experiências e vivências, acabam por produzir conteúdo informativo e de ocupação na plataforma.

Tati e Yasmin sempre buscaram produzir conteúdo com outros canais, criando uma convivência dentro do próprio Youtube. Em uma das primeiras collab, com o “Canal das Bee”, elas conversam sobre namoro à distância, com primeiro canal LGBTQ+ de sucesso da plataforma. Nesse vídeo os dois canais discutem sobre relacionamentos à distância e contam de suas experiências. A parceria entre esses dois canais permanece e já rendeu diferentes e importantes conteúdos de ativismo lésbico na plataforma. Como é o caso da “Live do orgulho” (Figura 14), organizada pelo “Tá entendida?” e o “Canal das Bee”, como a maior *live* (tipo de vídeo que acontece ao vivo) lésbica já criada na plataforma. Essa live reuniu diversos canais lésbicos do Youtube em um só vídeo, no dia da representatividade no ano de

2019. Com mais de 4h de duração, ela promoveu inúmeros debates sobre diferentes questões lésbicas, sendo um dos vídeos mais representativos e de ativismo de toda a plataforma. Além dessa collab, O Tá entendida? já promoveu conteúdo com “APTO 202”, com o bloco de carnaval Toco-Xona, Louie Ponto, o podcast “Podcastão”, Mariana Xavier, Thais Ribeiro, Vítor di Castro e outros canais, criando uma extensa rede de convivência e discussão sobre assuntos lésbicos e feministas no Youtube.

**Figura 14: Live do Orgulho lésbico no canal Tá Entendida?**



Fonte: Canal Tá Entendida? no Youtube <sup>14</sup>

As youtubers também criam conteúdo especial sobre a vivência delas como mulheres lésbicas. No vídeo “Como saí do armário”, um especial no mês da visibilidade, elas contam como foi o processo de se assumir para os familiares e amigos, mesmo sendo um momento difícil, como foi para a Yasmin e Tatiana. Outro vídeo com o mesmo tipo de conteúdo é o “Como se assumir no trabalho”, também especial do mês do orgulho lésbico, onde as youtubers discutem sobre a questão de ser LGBTQ+ no ambiente corporativo. Além desses materiais, elas produzem muitos outros sobre entretenimento lésbico, vivência e também promovem eventos LGBTQ+ em seus vídeos. Criando assim um espaço de convivência dentro e fora da plataforma, como é o caso da Parada LGBT do Rio de Janeiro e o festival Uneversos do Rio de Janeiro e de São Paulo.

#### 4.9 CENSURADAS, FILMES E LÉSBICAS NA MÍDIA

Vicky Fechine lançou o canal “Censuradas” em 2016, e hoje já alcança a marca de 123 mil inscritos. Junto com sua namorada da época, ela criou um canal com a proposta de

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xdA2aIezT8M&t=15320s> . Acesso em: 20 de nov, 2019

falar sobre cultura e entretenimento lésbico. Nos seus primeiros vídeos do canal, já é possível ver o estilo de vídeo que Vicky queria construir para o seu público. Como é o caso de “5 apps de paquera lésbica” e “5 filmes de comédia lésbica”, onde a youtuber apresenta dicas de aplicativos e filmes para mulheres LGBTQ+, divulgando assim conteúdo lésbico de outras plataformas.

A youtuber, em 2019, permanece com o estilo de vídeo que propôs no início do canal. Vídeos como “Filmes com lésbicas do Netflix” e “Filmes lésbicos 2019”, ajudam a divulgar conteúdo lésbico na televisão, cinema e streamings. Como na maioria dos vídeos, essas listas de divulgação de Vicky oferecem informação sobre filmes que não estiveram em circuito comercial, e que assim são mais difíceis de encontrar. É interessante ressaltar que a youtuber insere um tom crítico ao apresentar os filmes, e propõe discussões sobre as principais temáticas lésbicas que são encontradas nos meios audiovisuais. Ela também cria vídeos sobre literatura lésbica, como é possível ver em “Romance x Conto” e “Literatura lésbica”. Com esses tipos de vídeos ela ajuda na divulgação de criadores de conteúdo LGBTQ+, e garante um maior engajamento e divulgação de cultura.

Um outro tipo de vídeo comum no canal Censuradas, são os vlogs que Vicky faz com sua namorada. Em “O Natal mais sapatão que você respeita” e “Daily Viagem | Teresópolis”, ela filma seu dia a dia com sua namorada, aumentando a representatividade lésbica no Youtube e criando material sobre amor lésbico na plataforma. Nos vídeos “Homofobia nos EUA?” e “Religião x Homossexualidade”, a youtuber propõe uma discussão sobre assuntos importantes, e gera um debate na rede sobre a homofobia, sendo uma forma de ativismo por gerar conteúdo LGBTQ+ informacional. Esses vídeos fogem da proposta principal de Vicky, porém são importantes, já que os vlogs são uma forma de ocupação lésbica na plataforma, e os outros funcionam como vídeos informacionais que contribuem para uma aceitação e visibilidade lésbica.

Vicky busca dar espaço em seu canal para produções brasileiras de conteúdo lésbico no Youtube, como é o caso das webséries. Através de suas collabs, ela transforma o canal em um lugar de interação dentro da própria plataforma, criando redes de convivência lésbica no Youtube. Nos vídeos “A melhor amiga da noiva” e “Esconderijo a série” (Figura 15), a youtuber traz os criadores das principais webséries lésbicas nacionais, discutindo sobre as temáticas e vivências apresentadas, e ajudando a aumentar o engajamento e visualizações de outras produções lésbicas no site.

**Figura 15 : Collab do canal Censuradas com a websérie Esconderijo**



Fonte: Canal Censuradas no Youtube<sup>15</sup>

A youtuber permanece criando vídeos sobre cultura lésbica, ajudando a divulgar informações culturais e entretenimento para as suas inscritas. Entretanto, Vicky abriu espaço em seu canal para novas produções em formatos de webséries. Como é o caso da websérie LGBT de sucesso “Censuradas Reality Show”, que foi criada com a proposta de ser o primeiro reality show totalmente lésbico já criado, mesmo sendo uma produção roteirizada. A primeira temporada da série é o vídeo mais visto do canal, que atingiu a marca de 2 milhões e 700 mil visualizações em 2019.

#### 4.10 MÃE NO PLURAL E SAPATÃO AMIGA

A última parte desse trabalho busca dar destaque a dois canais, que mesmo não possuindo muitos inscritos e engajamento, produzem conteúdos inovadores e de extrema importância para lésbicas no Youtube.

O canal Mãe no Plural, foi criado em 2015, por Camila e Laura com o nome “2 girls 1 pug”. O primeiro vídeo do canal explica que ele foi desenvolvido para falar sobre banalidades, o dia a dia do casal e também entretenimento. Entretanto, com a chegada da filha do casal, o canal mudou seu foco e as youtubers começaram a criar vídeos principalmente sobre família. A importância desse canal na plataforma é muito grande, pois ele, ao falar

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tIt1CvRPjtQ>. Acesso em: 20 de nov, 2019

sobre maternidade lésbica, insere um conteúdo pouco disseminado em qualquer outro tipo de meio informacional e de cultura. Ele é ativista pois vai totalmente contra a heteronormatividade na maternidade e educação infantil, promove debate sobre questões sociais e ainda dissemina informação que é muito difícil de ser encontrada. Vídeos como “Inseminação | Chegou o dia” e “Gravidez | Estamos grávidas!” divulgam conteúdo sobre maternidade e informação sobre inseminação artificial. O canal torna-se uma grande rede de informação para mulheres lésbicas que desejam ser mães, e que não encontram muitos outros meios falando sobre.

Camila e Laura, após o período da inseminação e gravidez, começam a criar conteúdo sobre sua nova família e a vida com sua filha Lavínia. Esses vídeos também são informativos e representativos para mulheres lésbicas. No vídeo intitulado “Certidão de nascimento casal homoafetivo”, as youtubers falam sobre o processo de registro da filha, como quais os documentos necessários e como foi a experiência das duas. No vídeo “Nossa filha está confusa”, Camila e Laura rebatem uma pergunta que sempre é feita para o casal. Elas explicam que a criação de uma criança por um casal de mulheres não faz diferença para sua filha, e falam sobre a vivência delas com Lavínia.

O outro canal estudado nesse capítulo é o “Sapatão amiga”, criado por Ana Claudino em 2017, e que apresenta em 2019 mais de 3 mil e 500 inscritos. O canal oferece diversos vídeos com discussões sobre a vida lésbica, homofobia e questões sociais, entretanto oferece um tipo de conteúdo que não é encontrado em nenhum outro aqui analisado. A visibilidade e representatividade lésbica negra só foi encontrada nesse canal. Em vídeos como “Preta e Sapatão”, a youtuber fala sobre a sua vivência e sua experiência com o racismo dentro das relações lésbicas. Ela conta sobre como seu corpo negro desviava de uma norma que existia na sua universidade, e que o que a diferenciava de meninas lésbicas brancas era que ela sofria racismo, além da homofobia e machismo. Em novembro de 2017, no mês da visibilidade negra, Ana fala sobre quando ela se viu pela primeira vez como mulher negra no vídeo “Quando me descobri negra”. Explica como foi sua vivência, sendo uma mulher negra lésbica e gorda, e os preconceitos que sofreu. O canal de Ana é ativista, pois discute temas sociais, é representativo e é um dos poucos canais que debate sobre racismo dentro do mundo LGBTQ+.

## 5 CONCLUSÃO

Através de um estudo teórico sobre identidade e representatividade, concluiu-se que, primeiramente, a identidade do indivíduo recebe influências culturais e sociais e que a representatividade em meios midiáticos é importante para a identificação de pessoas e para um sentimento de pertencimento. A cultura possui forte influência para a identificação e descobrimento do indivíduo quanto a sua sexualidade. É através de produtos culturais que o sujeito constrói parte de sua identidade e entende características que antes não conseguia identificar. Os meios midiáticos possuem papel importante para tal e devem ser representativos por funcionarem como um espelho de identificação de diferentes pessoas. Elas buscam se enxergar nos produtos que consomem, se identificando com algo.

Como apresentado, no Brasil e no mundo a representatividade de pessoas LGBTQ+ sempre foi escassa em diversos meios. Nos audiovisuais, é difícil encontrar produtos totalmente representativos para pessoas LGBTQ+, como na televisão, onde o número dessas personagens é muito menor do que personagens heterossexuais. Personagens lésbicas são ainda mais difíceis de serem encontradas, como apresentam estudos. Somado a isso, fica claro como acontece uma representação falha. A representatividade não acontece de maneira plena, pois mesmo com a participação de personagens gays, eles não apresentam destaque nas mídias ou são moldados repletos de estereótipos. As novelas brasileiras, por exemplo, inseriram com o tempo mais personagens LGBTQ+ em seus roteiros, porém pode-se afirmar que o número de personagens gays é maior que de personagens lésbicas, e que quando ocorre a representação de mulheres lésbicas elas sofrem com uma assexualização ou uma construção estereotipada.

Outra teorização que esse trabalho buscou fundamentar foi a questão do ciberativismo. Através de uma revisão bibliográfica sobre a web 2.0 e o ativismo nas redes, foi possível entender o que movimentou os criadores de conteúdos para as redes sociais. Por meio de um estudo sobre a história da Internet, foi possível entender a base que sustenta toda a rede, as ideias de consumo e como o surgimento dela modificou a informação e comunicação no mundo inteiro. Ao se popularizar, a rede tornou-se um instrumento de democratização, sendo um espaço mais livre, de fácil acesso e um ambiente ideal para aqueles que não se sentiam representados em outros lugares. As minorias, anteriormente esquecidas pelas grandes produtoras de televisão e cinema, encontram um ambiente para criar seu próprio conteúdo,

ocupar e criar formas de ativismo, que não são apenas as manifestações, mas sim toda criação que vai contra a hegemonia cultural fornecida nos meios tradicionais.

Através desse trabalho, foi possível entender como o YouTube é uma plataforma importante para o ciberativismo. Sendo amplamente acessado e popular no Brasil, é uma das redes sociais mais utilizadas no mundo inteiro, e tornou possível um espaço de compartilhamento de vídeos democrático e livre. Como já explicado, o setor audiovisual brasileiro peca ao representar pessoas LGBTQ+, sendo o YouTube a ferramenta que abriu portas para novas produções que vão contra a hegemonia desse setor.

Ao mapear os canais através de um método exploratório, foi possível encontrar conteúdo lésbico direcionado a diversos temas, como viagens, humor, racismo, família e cultura. É perceptível como a representatividade lésbica negra ainda não possui muita visibilidade na plataforma. As youtubers com mais visibilidade são, na sua maioria, mulheres brancas e que se encaixam em um padrão de corpo. O canal “Sapatão Amiga” foi o único em que se pôde encontrar vídeos que debatem racismo dentro e fora da comunidade LGBTQ+. Outro problema visível é que alguns canais ainda não possuem grande visibilidade, ainda que discutam temas importantes de suas vivências lésbicas.

Todos os canais encontrados praticam ativismos de diferentes formas. O ativismo de ocupação, que todas apresentam, ocorre pois são mulheres lésbicas que ocupam um lugar de fala e representam a comunidade na rede. Mesmo os canais com menos discussões sociais, promovem, em ao menos um vídeo, algum conteúdo voltado para lésbicas. Todos os canais apresentados criaram vídeos que promovem um debate sobre a vivência lésbica, discutindo homofobia e preconceitos, por exemplo. Eles promovem um ativismo de debate, que propõe uma discussão na rede sobre temas sociais e buscam melhorar a relação das pessoas com esses problemas. Alguns canais, ao engajar o público com mobilizações externas ao YouTube, promovem um ativismo de uma forma mais direta, que é a ocupação de espaços públicos para a manifestação e luta por causas sociais. Os canais de Michelle Alves e Vicky Fechine, ao oferecer dicas sobre viagens e filmes LGBTQ+, respectivamente, ajudam na divulgação e consumo de cultura lésbica. Canais como o Tá Entendida e Apto202 são importantes porque debatem sobre vivências lésbicas através de um conteúdo leve e de humor. Alguns canais também apresentaram estratégias que promovem a convivência entre mulheres lésbicas, o que acontece em consequência da rede. Essa convivência ocorre entre as próprias criadoras de conteúdos, com suas collabs, mas também em uma interação das youtubers com as fãs, que marcam encontros para participar de manifestações ou apenas para trocarem vivências. O YouTube é então um instrumento de suma importância para a representatividade,

compartilhamento de vivências lésbicas, sendo também responsável por criar uma rede de convivência entre mulheres LGBTQ+.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Karen Cristina. **Histórias e usos da Internet**. Biblioteca online de Ciências da Comunicação. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-karen-historia-e-usos-da-internet.pdf>
- ANDERSON-MINSHALL, J. 'Sex and the Clittie'. In: **Reading the L Word: Outing Contemporary Television**. Londres, I.B. Tauris, 2006.
- ANDRADE, Halanna; LIMA, Marcus Antonio. Ativismo LGBT e narrativas em redes sociais: a voz do Fandom Clarina. **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural**. v.5, n.2, 2017.
- ARAÚJO, Luana; RIOS, Riverson. A popularização das redes sociais e o fenômeno da orkutização. **Intercom - XIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região do Nordeste**. Recife. 2012 Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0590-1.pdf>
- BAKER, Sarah. The changing face of gay representation in Hollywood films from the 1990s onwards: What's really changed in the Hollywood representation of gay characters? **International Journal of Interdisciplinary Cultural Studies**, v. 10, n. 4, p. 41–51, 2015.
- BARRETO, Aldo. Uma quase história da ciência da informação. **Revista DataGramaZero**, v.9, 2008. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/162/1/Barreto%205.pdf>
- BERNADAZZI, Rafaela; COSTA, Maria Helena. Produtores de conteúdo no YouTube e as relações com a produção audiovisual. **Revista Comunicare**, v.17, 2017
- BERNARDO, André. Infográfico: evolução dos personagens LGBT nas novelas, ano a ano. 4 de julho, 2018. Disponível em < <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano/> > Acesso em 29 de set, 2019.
- BITTENCOURT, Maria Clara; GONZATTI, Christian. House of memes: midiatização do ativismo e transformações no jornalismo a partir de uma (ciber) cultura pop. **Revista Geminis**, v.7, n.1, 2016.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006. Disponível em : <https://portalconservador.com/livros/Peter-Burke-Uma-Historia-Social-da-Midia.pdf>
- BUFFY- A caçadora de vampiros. Direção: Joss Whedon. Produção: Mutant Enemy Productions. 20<sup>th</sup> Television. 1997.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019
- CALAZANS, Janaina; LIMA, Cecília. Sociabilidades Virtuais: do nascimento da internet à popularização dos sites de redes sociais online. **Encontro Nacional de História da Mídia**. Minas Gerais. 2013.
- CANABARRO, Ronaldo. História e direitos sexuais no Brasil: O movimento LGBT e a discussão sobre a cidadania. **Anais eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional**. 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet - Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- CONCEIÇÃO, Helenise; CONCEIÇÃO, Antônio. A construção da identidade afrodescendente. **Revista África e Africanidades**. n.8, 2010.

- CRETAZ, Livia. Vilania e Homossexualidade. **O personagem Félix Khoury da telenovela Amor à vida nas leituras da Comunidade LGBT na cidade de São Paulo**. ESPM. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://tede2.espm.br/handle/tede/66> >
- CRUZ, Tawane. NATHANY, Priscila. Entrevista com Bianca Carbonieri do site Sapatômica. 2014. Acesso: 22/11/2019. Disponível em: <https://profissionaisdigitais.wordpress.com/2014/06/25/entrevista-com-bianca-carbonieri/>
- DANTAS, Clara Letícia. Identidade lésbica em telenovelas brasileiras. **Colóquio Nacional de Representações de Gênero e Sexualidade**. 2016.
- DI FÁTIMA, Branco. Primavera Árabe: vigilância e controle na sociedade da informação. **Biblioteca online de ciências da comunicação**. 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fatima-branco-primavera-arabe-vigilancia-e-controle.pdf>
- DINIZ, Iara Gabriela; CALEIRO, Maurício. Web 2.0 e Ciberativismo: o poder das redes na difusão de movimentos sociais. **Revista Cambiassu**. São Luís, ano XIX, n.8, 2011. PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. E- Compós. Brasília, v.9, p.1-21, 2007.
- DOMINGUES-DA-SILVA, Juliano; TORQUATO, Chalini. O que significa "Democratização da Comunicação"? Limites e possibilidades de enquadramentos teóricos a partir de modelos de democracia. **Revista Política Hoje**, v.22, n.1, 2013.
- DRUMMOND, Lucas Gaulia. **“Amor à vida”: Um marco na representação homossexual nas novelas das oito da Globo**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/4397> >
- FERREIRA, Carlos. Imprensa Homossexual: Surge o Lampião da Esquina. **Revista Alterjor**. v.1, São Paulo.
- FERREIRA, Vinícius; SACRAMENTO, Igor. As identidades LGBT no Brasil: entre in/visibilidades e in/tolerâncias. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. 2019.
- FISHER, D. A. et al. Gay, Lesbian, and Bisexual Content on Television: A quantitative analysis across two seasons. **Journal of Homosexuality**, v. 52, n. 3–4, p. 1–9, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GAMBÔA, Augusto Rafael Brito. O papel do youtube na desconstrução de estereótipos LGBT. Acesso: 22/11/2019 Disponível em: <https://docplayer.com.br/50506219-O-papel-do-youtube-na-desconstrucao-de-estereotipo-lgbt-augusto-rafael-brito-gamboia.html>
- GERMANO, Idilva; SAMPAIO, Juliana. Políticas Públicas e Crítica Queer: Algumas questões sobre identidade LGBT. **Psicologia e Sociedade**, v.26, n.2, 2014.
- GIARETTA, Juliana; GIULIO, Gabriela. O papel das tecnologias de comunicação e informação (TIC) no urbano do século XXI e na emergência dos novos movimentos sociais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. São Paulo, v.20, n.1, 2018. Disponível em : <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2018v20n1p161>
- GOMILLION, Sarah C; GIULIANO, Traci A. The influence of media role models on gay, lesbian and bisexual identity. **Journal of Homosexuality**. v.58, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11o edição. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

HEATHER, Hogan. Autostraddle's ultimate infographic guide to dead lesbian characters on TV. 25 de março, 2016. Disponível em < <https://www.autostraddle.com/autostraddles-ultimate-infographic-guide-to-dead-lesbian-tv-characters-332920/> > Acesso em 14 de out, 2019.

JACKSON, S; GILBERTSON, T. “Hot lesbians”: Young people’s talk about representations of lesbianism. **Sexualities - SagePub**, v. 12, n. 2, p. 199–224, 2009.

KERN, R. Imagining community: Visibility, bonding, and L Word audiences. **Sexualities - SagePub**, v. 17, n. 4, p. 434–450, 2014.

KINANE, Ruth. History and life of Wonder Woman. **Entertainment Weekly**. 11 de abril, 2017. Disponível em: <<https://ew.com/movies/2017/04/11/history-and-life-of-wonder-woman/>> Acesso em 29 de set. 2019.

LEE, P; MEYER, M. We all have feelings for our girlfriends: progressive representations of lesbian lives on the The L Word. **Sexuality and Culture**. v.14, n.3, 2010.

LEMOS, André. **Cibercultura, cultura e identidade**. Em direção a uma "Cultura Copyleft". Simpósio Emoção Art.Ficial. São`Paulo, 2004.

LEVY, Piérre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

LIU, X. Homosexual Representation Diversity in Media. Universidade de Comunicação de Ohio. December, 2012. Disponível em: <[https://etd.ohiolink.edu/!etd.send\\_file?accession=ohiou1354656326&disposition=inline](https://etd.ohiolink.edu/!etd.send_file?accession=ohiou1354656326&disposition=inline)>

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A Internet e a rua - Ciberativismo e mobilizações nas redes sociais**. Porto Alegre. Sulina, 2013.

MATIAS, Vanessa. **Mídia televisiva e sexualidade na educação infantil**. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2011. Disponível em: <<http://189.28.179.196/bitstream/1/263/1/Vanessa%20da%20Silva%20Matias.pdf>>

MITCHELL,Bea . Who was the first openly gay character on TV? **Pink News** . 28 de julho, 2017. Disponível em < <https://www.pinknews.co.uk/2017/07/28/first-gay-lgbt-character-tv-show/> > Acesso em 29 de set. 2019.

NORDIN, Emma. **From Queer Reading to Queerbaiting**. Universidade de Estocolmo. 2015. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/2fd6/5f287dc20120cdad87902fade0afe15643d1.pdf> >

PLACIDO, Dani di. The complicated history of wonder woman. 31 de maio, 2017. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/danidiplacido/2017/05/31/the-complicated-history-of-wonder-woman/#31014fdc4707>> Acesso em 29 de set, 2019.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós**. Brasília, v.9, p.1-21, 2007.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidad obligatoria y existencia lesbiana**. Colectivo de Feministas Lesbianas de Madrid. N.º3.1985

RIGINATO, Maria Eugenia. Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente. **I Seminário Interno do Grupo de Pesquisa em Cibercidades**. UFBA, 2003.

RODRIGUES, André I; CARVALHO, Amanda. Desde a década de setenta, em setenta comerciais : as representações LGBT na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira. **Anais Alcar**, 2015.

SHOWTIME. The L Word Generation Q. Página inicial. Disponível em: <<https://www.sho.com/the-l-word-generation-q> > Acesso em: 28 de set, 2019

TESTONI, Marcelo. Da censura à cena de sexo: a evolução dos personagens LGBT nas novelas. 29 de dez, 2018. Disponível em <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/12/29/de-censura-a-cena-de-sexo-a-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas.htm> > Acesso em 29 de set, 2019.

WOLLINGER, Leonardo; Filha, Elza. O Ciberativismo LGBT: uma análise do Canal das Bee na articulação e promoção do diálogo entre jovens. **Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. 2016

XENA: Princesa guerreira. Direção e produção: John Schilian, Robert Tapert. Syfy: Produtora NBC, 1995.